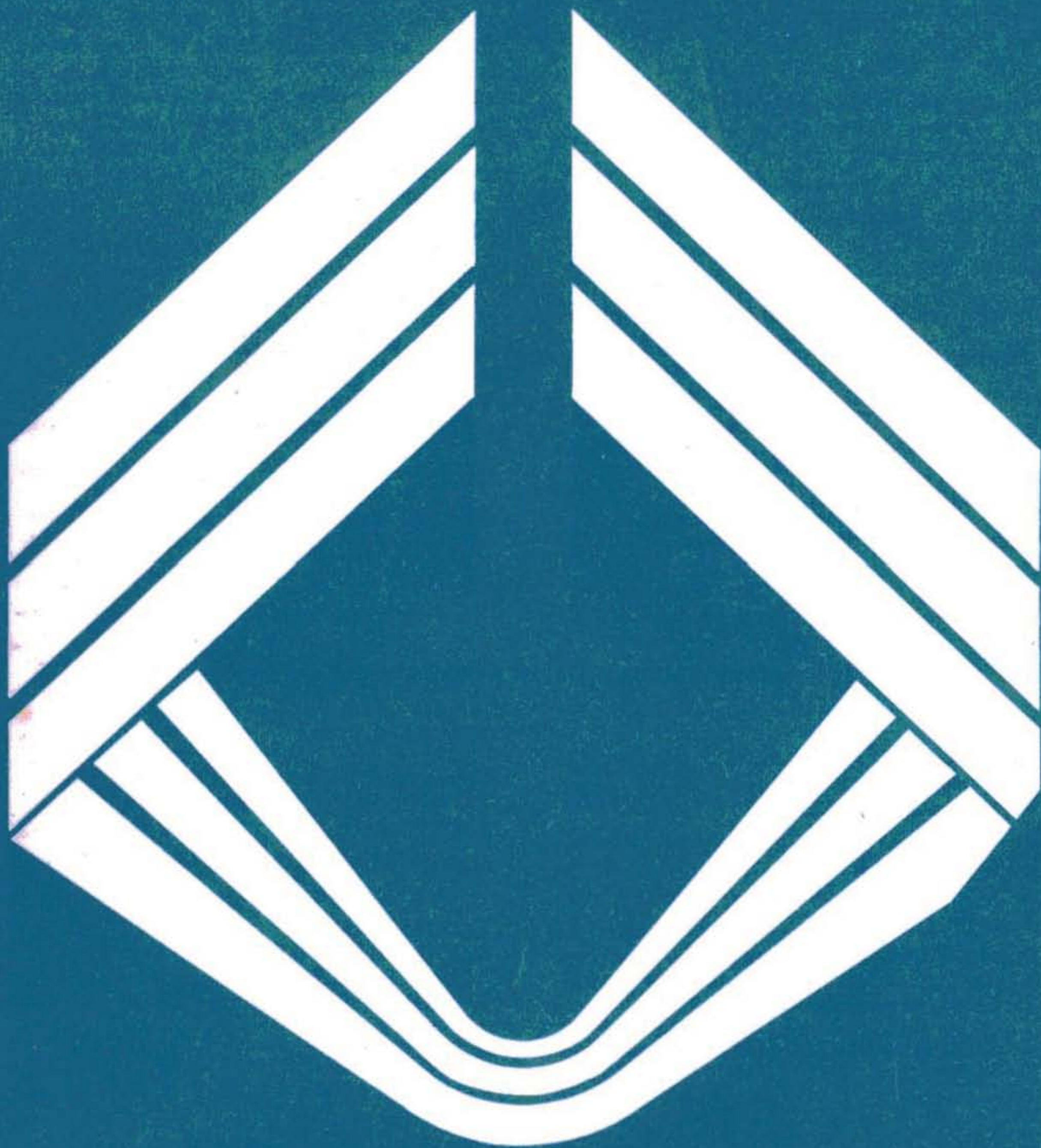


convergência

JAN/FEV — 1986 — ANO XXI — Nº 189



- **OS PROFETAS BÍBLICOS INTERPELAM A VIDA RELIGIOSA**
Equipe de Reflexão Teológica da CRB Nacional — página 14
- **OS PROFETAS E A EXPERIÊNCIA DE DEUS**
Pe. Ivo Storniolo, SSP — página 30
- **A ORAÇÃO DE MARIA, INTÉRPRETE DA PALAVRA**
Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SI — página 56

CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:

Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brunelli, PIDP

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ

Assinaturas para 1986

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:

Até 30.04.1986	Cr\$ 170.000
Exterior: marítima	US\$ 38,00
aérea	US\$ 48,00
Número avulso	Cr\$ 17.000

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

O Irmão Claudino Falquetto, FMS, Presidente Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil, lançou um concurso, em 1985, em todo o Brasil, para escolher o logotipo da CRB Nacional. Venceu o concurso o Arquiteto, Irmão Analino Zorzi, FSC, Religioso do Instituto dos Irmãos das

Escolas Cristãs, (Lassalistas), de Porto Alegre, RS. Aqui está a interpretação feita pelo Autor sobre a sua arte: "As três faixas representam os três votos que os religiosos professam. As faixas formam, visualmente, as mãos em oração, orientadas para cima, num sentido positivo, para o bem, para Deus. Ao mesmo tempo, uma faixa branca invade as mãos e as envolve: é o invisível mas presente SER que é Deus. A entrega, a oferenda do religioso e a aceitação e envolvimento de Deus estão expressos no conjunto do desenho. As mãos se encontram como os seres humanos se encontram em Deus. E é com suas mãos que os religiosos ajudam a transformar a realidade num mundo de justiça e fraternidade, servindo os homens, seus irmãos. Sugerimos a cor azul por lembrar o infinito de Deus e a eternidade do homem em Deus". Convergência vai publicar a arte do Irmão Analino Zorzi, FSC, em branco, vazado na cor, que varia em cada mês.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	1
ORAÇÃO DO SANTO PADRE COM OS JOVENS PELA PAZ João Paulo II	3
INFORME DA CRB.....	5
OS PROFETAS BÍBLICOS INTERPELAM A VIDA RELIGIOSA Equipe de Reflexão Teológica da CRB Nacional	14
OS PROFETAS E A EXPERÊNCIA DE DEUS Pe. Ivo Storniolo, SSP	30
VIDA RELIGIOSA: RELAÇÃO COM O MUNDO E DIMENSÃO PROFÉTICA Irmã Sílvia Vallejo, ODN	42
A ORAÇÃO DE MARIA, INTERPRETE DA PALAVRA Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ	56

EDITORIAL

1986! Abrem-se as portas de novo ano. **CONVERGÊNCIA** deseja a seus leitores seja um ano realmente novo. Marcado pela vida do Espírito que faz sempre novas todas as coisas.

O gesto corriqueiro de substituir o calendário da parede de sua sala, nesse começo de ano, seja, prezado leitor, impregnado de imensa esperança nessa novidade que brota do Espírito. De novo alento para a mesmice dos dias. De novo ser para o velho homem.

Na verdade, quando a gente se debruça por sobre o horizonte de um novo ano, muita coisa vem à tona da consciência: canseiras que se foram, fracassos que machucaram, conquistas realizadas. Tudo isso de mistura com ânsias de novo jeito de viver, buscar e ser, nesse jogo da vida que nos envolve por inteiro e no qual, nós e o próprio Deus, apostamos alto. Como parceiros! Somando desejos, Promessa e esperanças, Graça e entrega, Proposta e respostas, Espírito e história, na construção do REINO em que paz e justiça se unem no abraço da fraternidade. Para isso Jesus, o EMANUEL, montou seu barraco no meio de nós. Por isso o novo ano é mais uma porta que se abre para novo espaço de vida, da vida em plenitude que Deus conosco reparte. Dela a Vida Religiosa é cha-

mada a dar profético testemunho face aos vazios e negatividades que se acumulam no dia-a-dia humano tornando sempre mais anti-humanos mundo e vida.

CONVERGÊNCIA lhe deseja, leitor amigo, um FELIZ 1986!

E lhe oferecerá, ao longo do ano, entre outras, muitas reflexões voltadas para o tema "A DIMENSÃO PROFÉTICA DA VIDA RELIGIOSA NO BRASIL", tema central da XIV ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA da CONFÉRENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, a se realizar de 21 (8hs) a 26 (18hs) de julho de 1986, em SÃO PAULO, SP. A XIV AGO marcará intensamente a vida de nossa CRB. Por isso também, 1986 será um Ano de Graça da parte do Senhor!

Nesse primeiro número do ano, **CONVERGÊNCIA** apresenta:

1) "OS PROFETAS BÍBLICOS INTERPELAM A VIDA RELIGIOSA", texto elaborado pela EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA da CRB Nacional. Amplamente divulgado entre os Religiosos no Brasil, é levado agora aos leitores de **CONVERGÊNCIA**. Esse texto quer ser apenas um instrumento de trabalho, uma ferramenta a serviço da imprescindível retomada de consciência da dimensão profética da Vida Religiosa no Brasil, em preparação à XIV AGO da CRB. Essa refle-

xão foi sugerida por ampla sondagem entre os Superiores Maiores no Brasil. O texto brota da Bíblia e questiona. A Diretoria Nacional da CRB agradece à sua qualificada assessoria teológica por mais este serviço prestado à Vida Religiosa no Brasil.

2) "OS PROFETAS E A EXPERIÊNCIA DE DEUS", de Pe. IVO STORNILO que assim se explica: "Persegui duas idéias no artigo: o que há por detrás da vocação de Isaías (Is 6,1-13); depois pergunto se os cristãos podem e devem exercer uma atividade profética, analisando em diagonal o Apocalipse de João". A resposta é uma só, como bem se presume!

3) "VIDA RELIGIOSA: Relação com o Mundo e Dimensão Profética", de Irmã SÍLVIA VALLEJO, ODN, é o texto de conferência pronunciada na Assembléia da UISG, em 1984. Irmã SÍLVIA constata o nexó entre profetismo e Vida Religiosa, seja pelo valor de testemunho existencial que a Vida Religiosa possui, seja por seu valor de sinal escatológico na perspectiva do Reino. "A missão profética da VR se realiza na medida em que os chamados a ela vivem as exigências de sua

vocação ao seguimento radical de Cristo, e sua dedicação total e livre ao serviço do Reino com todas as suas implicações".

4) "A ORAÇÃO DE MARIA, INTÉRPRETE DA PALAVRA", de Pe. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO, SJ, ex-Presidente Nacional da CRB. Esse é o primeiro de uma série de artigos sobre a ORAÇÃO DE MARIA. Nesse, Pe. MARCELLO, situado no horizonte da Encarnação de Jesus, contempla MARIA a quem "foi dado por Deus um papel singular de imenso alcance, na simplicidade surpreendente de seu desempenho". A MARIA é concedido o dom de ser, de algum modo, a Intérprete da Palavra Encarnada, JESUS. A oração de Maria interpreta a Palavra. "Maria reza segundo a tradição de seu povo e em comunhão com ele... Ela nos inicia a uma oração ligada à vida que nos ajuda a interpretar a Palavra em nossa própria realidade". "Na sua oração, que recorda e interpreta, contempla e testemunha, ela nos ensina como acolher a Palavra na vida e como gestar em nós, na comunhão eclesial, o Cristo da fé que é a VIDA".

Pe. Atico Fassini, MS

Não há posição intermediária

Iniquidade e pecado têm o mesmo sentido: são idéias teóricas, projetos práticos, ambições pessoais que afastam o homem de Deus. Como criatura, o homem deve confiar na presença e ação de Deus e servir exclusivamente à sua vontade. Tudo o que se afasta disso é iniquidade e pecado. Não há posição intermediária ou neutra.

ORAÇÃO DO SANTO PADRE COM OS JOVENS PELA PAZ

João Paulo II

Roma, Itália

Senhor Jesus, de todos os cantos do mundo vimos a ti, unidos ao Sucessor de Pedro e a todo o Povo dos Redimidos. Não queremos evadir-nos do nosso tempo, e não nos assusta a nossa juventude, mas sabemos que o nosso peregrinar atravessa um momento crucial. Senhor, os homens que tu salvaste converteram em espadas os arados. Ameaças e gritos de medo parecem fazer cessar os cantos da vida.

Tu, que prometeste ficar conosco todos os dias, escuta hoje o brado desta juventude. Sê tu o Mestre e Pastor que conduz à Paz a nossa geração.

Agora, que o projeto da nova Torre de Babel que as ideologias propõem se torna mais absurdo ainda, e que mais angustiantes se tornam os prognósticos de quantos constroem sobre areia, nós volvemo-nos a ti, numa decisão ainda mais firme.

Sobe de novo à montanha, Senhor, que nós vamos contigo, para

te escutar proclamar à nossa geração o código da verdadeira felicidade.

Anuncia-nos com voz sapiente e forte a tua promessa e o teu programa: "Bem-aventurados os construtores da Paz porque serão chamados Filhos de Deus".

Queremos aceitar hoje de novo o teu convite e fazer da Paz no mundo a nossa tarefa permanente. Não queremos transpor o umbral do terceiro milênio a arrastar ruínas e canhões. Queremos iniciá-lo no teu nome, a carregar abundantes medidas de generoso trigo que vá alegrar todas as mesas o teu pão e a tua amizade...

Sabemos, ó Jesus, que este projeto exige de nós já agora valentia e um estilo de vida vigilante. Dá-nos, por isso, a pureza de um coração humilde para que compreendamos a verdade e rejeitemos ilusões enganadoras. Concede-nos a liberdade da tua graça para que vivamos em justiça e amemos com um amor responsável.

Ensina-nos a criar uma nova cultura, na qual seja possível a participação de cada pessoa, de cada grupo, povo e raça.

Que o mundo com a sua paz oportunista, aparente e efêmera que tu rejeitaste, nunca nos consiga fascinar. Senhor Jesus Cristo, dá-nos a tua Paz, dá-nos a Paz que brota do teu coração transpassado, a Paz na verdade, na justiça e no amor.

Dá-nos a tua Paz, não para que a retenhamos para nós. Concede a tua Paz à nossa geração de jovens, para que a partilhemos com todos os que, sedentos, anseiam por ela. Para que a façamos crescer e a leguemos como preciosa herança aos que virão depois de nós.

Mestre, neste nosso peregrinar para a Casa do Pai, ensina-nos a carregar com sabedoria o fardo das contradições na nossa natureza ferida e a não nos abandonarmos a um passivismo resignado. Faz de nós defensores de Abel, onde quer que ele hoje esteja. Do Abel pobre e marginalizado, do Abel ancião e sem trabalho digno, do Abel perseguido por causa da sua fé, do Abel indefeso no seio de sua mãe.

Aos Cains do nosso tempo, perdoa, Senhor, porque não sabem o que fazem. Converte à tua Paz os opressores, converte os governantes e os dirigentes das nações. Dá-lhes luz e audácia para deter a contraditória e insensata espiral que rouba recursos à vida e os investe na morte e na destruição do Planeta.

Sê tu, ó Jesus, a nossa Paz. O teu Espírito encha de Paz a nossa alma

nos sacramentos da tua Igreja, para que possamos ser portadores de Paz para os nossos irmãos.

A tua Mãe, Senhor, seja para os teus discípulos mais jovens o espelho do teu rosto, no qual se reflete a perfeita reconciliação com Deus, consigo mesmo e com o mundo. Seja Ela a educadora da nossa esperança, que a torna paciente, corajosa e incorruptível. A sua materna mão sara as feridas que recebemos da violência e nos ajude a prevalecer heróicos na Paz, quando o Maligno nos quiser forçar a seguir as sendas de Caim.

Senhor, na noite do teu nascimento, os pobres pastores de Belém receberam a promessa de Paz. Nós empenhamos a nossa vida e acreditamos que, se as convulsões do nosso século são a agonia do velho mundo, elas são também as dores de parto da tua nova natividade. Percebemos que para a jovem mãe do novo Advento chegou a hora de dar à luz. E que o Pai quer lançar sobre nós o arco-íris da sua Aliança de Reconciliação. Senhor, dá que muito em breve os Anjos cantem a bem-aventurança de quantos, aqui na terra, são pobres de coração.

Descobrirão então, esperançosos, que deles se avizinha o teu Reino eterno e universal, o Reino da santidade e da graça, o Reino da Justiça, do Amor e da Paz.

Há empobrecimento cada vez que todos, sob pretexto de unidade ou impressionados por certa prioridade, se põem a fazer a mesma coisa, João Paulo II, aos Religiosos, São Paulo, 3.7.1980.

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

SEMINÁRIO NACIONAL DE SAÚDE

De 23 a 28 de setembro de 1985, na Casa de Retiro São José, em Belo Horizonte, realizou-se o SEMINÁRIO NACIONAL DE SAÚDE, promovido pela CRB/NACIONAL com a colaboração do GRUPO DE REFLEXÃO DE SAÚDE (GRS).

O tema foi: "A SAÚDE NA NOVA REPÚBLICA E A MISSÃO DO RELIGIOSO NESSA CONJUNTURA."

O Seminário contou com a presença de 43 Religiosas representantes de 15 Regionais de CRB, Membros do GRS, Irmão Claudino Falchetto, Presidente da CRB/Nacional, e os Assessores: Dr. José Ribeiro de Paiva Filho, Prof. de Medicina Social da UFMG, Padre Rogério Ignácio de Almeida Cunha, SDB, Frei Carlos Mesters, OCD e Padre Dyonísio Luiz Castenaro, MI.

A dinâmica empregada no Seminário foi muito participativa. O grupo assumiu de forma criativa e responsável os trabalhos, alcançando efeitos altamente positivos.

O Seminário teve três momentos altos:

1) A reflexão sobre política da saúde no País e sobre a conjuntura da Igreja foram elementos para o **VER**.

2) Frei Carlos Mesters fez considerações sobre o "PROFETA E A SAÚDE DO POVO": nisso consistiu o **JULGAR**.

Frei Carlos Mesters dividiu esse assunto em três pontos:

a) Vida, saúde, doença, cura, médico, remédio, enquanto fazem parte da cultura do povo da Bíblia: — a saúde tem a ver com a vida e, por isso se vê envolvida pelo mesmo respeito que se tem pela vida e por Deus. O importante é a vida do povo, povo doente que pede cura, e a Bíblia está a serviço disto. O apelo de Deus não vem da Bíblia, nem da situação do povo concretamente, mas vem da realidade de um povo doente iluminada pela Bíblia. **A BÍBLIA É ENTÃO COMO QUE UM ESPELHO QUE TOMA A LUZ DE DEUS E A PROJETA SOBRE A REALIDADE DO POVO QUE VIVE DOENTE E MARGINALIZADO.**

b) A ação dos Profetas e a ação do povo: a ação dos Profetas, exige a observância da Aliança e das Leis. Quanto à saúde, situa-se na linha da ação preventiva contra as doenças, na linha da defesa da vida.

c) A ação de Jesus e a saúde do povo: o que muda, substancialmente, no NT com relação ao AT, é a presença maciça de doentes na vida de Jesus. De repente os doentes, esquecidos e marginalizados, aparecem à luz do dia por causa da atividade profética de Jesus.

Há uma tríplice exigência de Jesus a favor dos doentes:

— Mudança de estrutura = justiça.

— Conversão da comunidade = solidariedade.

— Mudança de consciência = mística: "Para que todos tenha vida."

Jesus continuou, alargou e completou a ação dos profetas em relação à saúde do povo.

3) Iluminados pelo VER e pelo JULGAR, os participantes do Seminário chegaram a algumas conclusões práticas (AGIR) que possam ajudá-los em sua caminhada como Religiosos na luta pela saúde do povo:

— "Enviar à CNBB, moção pedindo que se crie a Comissão Pastoral de Saúde (CPS).

— Comprometer-nos com o povo na luta pelos seus direitos.

— Promover a integração entre Pastoral da Saúde, organismos da Igreja e movimentos populares.

— Integrar Hospital e Saúde Comunitária, com visão crítica, na promoção da vida.

— Programar estudos e reflexões para promover a vida, tendo como critérios: justiça, solidariedade e mística.

— Procurar soluções concretas para a remuneração das Religiosas liberadas para a pastoral.

— Dedicar atenção especial aos Religiosos em dificuldades.

— Solicitar assessoria ao GRS Nacional para reforço e/ou criação dos GRS/Regionais.

— Comunicar o conteúdo deste Seminário aos Regionais de CRB.

— Incentivar as Diretorias Regionais da CRB a estabelecer maior ligação com os núcleos diocesanos."

Irmã Eliane de Calis, SDS

SEMINÁRIO DE RELIGIOSOS INSERIDOS

Manaus/AM

19 a 25 de julho de 1985

Realizou-se, de 19 a 25 de julho p.p., em Manaus, um Seminário de Religiosos Inseridos no Meio Popular, que reuniu 40 participantes da Região Norte do Brasil.

Promovido pela CRB/Nacional, este Seminário nasceu das sugestões dos próprios religiosos que atuam no campo da inserção popular, e teve como tema: "IDEOLOGIA e MUDANÇA SÓCIO-POLÍTICA: — VISÃO A PARTIR DA INSERÇÃO DOS RELIGIOSOS NOS MEIOS POPULARES."

Da CRB/Nacional esteve presente Ir. Teresina Pegoraro, CSJ, Secretária Executiva, Coordenadora do Seminário que foi assessorada por Pe. João Edênio Reis Valle, SVD, e pelo Prof. Luiz Eduardo Wanderley, Sociólogo e Reitor da PUC/SP.

O Seminário seguiu a metodologia do "VER-JULGAR-AGIR" e teve por objetivos:

1. Ver a "realidade" na qual estão atuando as Comunidades Religiosas Inseridas no meio popular.

2. Conhecer o contexto sócio-econômico-político do processo histórico

atual, as tendências políticas e as ideologias presentes, hoje.

3. Traçar linhas de ação a partir do compromisso com os pobres, e da missão específica do Religioso.

A síntese que transcrevemos, revela a riqueza vivida, partilhada e buscada por esse grupo de Religiosos que empenham suas vidas no Serviço aos irmãos mais pobres:

1. A base de nossa vida e espiritualidade de Religiosos Inseridos é seguir Jesus Cristo desde dentro da nossa experiência de comunhão concreta com o povo assim como ele é, em seus anseios e em suas lutas de libertação.

2. Nossa espiritualidade tem algumas características que estamos descobrindo e firmando:

— é uma solidariedade concreta e comprometida com os empobrecidos;

— é libertadora também para nós, enquanto exige conversão pessoal e despojamento da bagagem de idéias, valores, métodos e sensibilidades que adquirimos ao longo de nossa formação mais de classe média;

— supõe uma contínua interação sob espiritualidade e vida;

— exige uma atitude de escuta, disponibilidade e serviço.

3. Precisamos nos colocar dentro da cultura do povo, a ela nos adaptando o mais possível:

— isto supõe conhecimento de sua realidade de gente, de seu modo de ser, pensar e agir (bio-psico-cultural);

— conhecimento, respeito e valorização de suas tradições e costumes;

— assimilação dos valores de sua religião: — modo de rezar, de viver o Mistério de Deus; de enfrentar a cruz e a ressurreição da vida;

— atitude de acolhida, escuta e conversão;

— atitude crítica.

4. Não podemos substituir o povo pois é ele o sujeito da libertação:

— devemos partir sempre de suas necessidades, anseios e aspirações;

— devemos caminhar com ele numa atitude crítica;

— devemos caminhar dentro de seu ritmo.

Irmã Teresinha Pegoraro, CSJ

SEMINÁRIO DE RELIGIOSOS INSERIDOS

Anápolis/GO

4 a 9 de agosto de 1985

O processo de inserção dos Religiosos no meio popular, urbano e rural, é um fato que vem se concretizando de forma progressiva, nesses últimos anos, pelo Brasil afora.

A mudança de lugar social da Vida Religiosa vem determinando uma mudança também na forma do VIVER, do REZAR e do CELEBRAR da Comunidade Religiosa Inserida. É, por assim dizer, uma nova forma de viver a espiritualidade que nasce da convivência mais direta e mais próxima aos menos favorecidos, aos empobrecidos.

É desejo dos Religiosos Inseridos ver identificada cada vez mais sua espiri-

tualidade, fruto da experiência evangélica vivida na comunhão e solidariedade com o povo que luta e sofre por um mundo mais justo e mais irmão.

Em resposta a este anseio, a CRB Nacional, através de seu GRUPO DE REFLEXÃO PARA A INSERÇÃO (GRI), uma assessoria a serviço dos Religiosos Inseridos em Meios Populares, e levando em consideração as sugestões vindas da base, organizou o SEMINÁRIO DE RELIGIOSOS INSERIDOS, realizado em ANÁPOLIS, GOIÁS, de 4 a 9 de agosto de 1985, em torno do tema: "A ESPIRITUALIDADE DA COMUNIDADE RELIGIOSA INSERIDA NO MEIO POPULAR".

Após seis dias de oração, estudo e convivência fraterna, os 59 participantes do SEMINÁRIO chegaram às seguintes conclusões:

"1. A Vida Religiosa Inserida motivada pelo Evangelho é um processo permanente no qual brota uma espiritualidade encarnada na vida do povo. Esta espiritualidade tem como sujeito o Cristo centrado no pobre, e é iluminada pela Palavra de Deus, fortificada e celebrada na Eucaristia e na Oração.

2. "Esta espiritualidade exige:

a) Uma virtude de contínua Conversão.

b) A descoberta do papel da mulher na Igreja, na Vida Religiosa e na Sociedade.

c) A redescoberta do Carisma dos Fundadores das Congregações.

d) A descoberta de uma nova dimensão dos votos numa linha Profética e Eclesial.

e) O assumir o conflito como Agente de Transformação.

3. "Para cumprir as exigências desta espiritualidade nos propomos: Viver a Inserção consagrada como uma resposta aos apelos da realidade e da Igreja hoje formando religiosos encarnados na caminhada do Povo em direção ao Reino de Deus."

As assim chamadas "Comunidades Religiosas Inseridas em Meios Populares" são normalmente comunidades formadas por duas, três ou quatro Irmãs ou Padres, vivendo em periferias de grandes cidades, ou em perdidos vilarejos desassistidos de tudo, até religiosamente, no interior do Brasil. Estas comunidades Religiosas Inseridas estavam ansiando por um estudo mais aprofundado e sistemático sobre a Espiritualidade que vivem neste novo tipo de ser VR e Igreja no meio do Povo. Isto lhes foi propiciado pela CRB/Nacional que reuniu em Anápolis 59 Religiosos Inseridos, procedentes do Centro-Oeste-Sul do país. Da Nacional esteve presente a Irmã Teresinha Pegoraro, Secretária Executiva, Coordenadora do Seminário que foi assessorado por dois teólogos: Padre Rogério de Almeida Cunha, salesiano, e Frei Neylor J. Tonin, franciscano.

A metodologia do Seminário seguiu as três etapas do "ver-julgar-agir". Num primeiro momento, os Inseridos apresentaram sua inserção, a vida de suas comunidades. A partir deste quadro, procuraram sistematizar os vários tipos existentes de inserção, e iluminá-los a partir da Palavra de Deus, da realidade do Povo, da consagração religiosa e dificuldades referenciais que esse tipo de vida experimenta. No últi-

mo dia, tentou-se estabelecer um agir, o que fazer e como ser na Igreja que nasce do Povo pelo Espírito de Deus.

Um dos pontos mais positivos do Seminário foi a troca de experiências entre os participantes. Embora vindos de realidades bem distintas, todos se sentiam ansiosos por conhecer o modo de viver dos outros inseridos. Para o fortalecimento deste novo mundo de ser Religioso em meios populares, foi repetida e repisada, a cada passo, a palavra de Deus: "Não temas. Eu estou contigo"! Foi à luz e na força deste refrão, que o Seminário se desenvolveu, e que as Comunidades fixaram contornos mais claros para sua Espiritualidade.

Irmã Teresinha Pegoraro, CSJ

GRE: APROFUNDANDO OS PASSOS DE UMA CAMINHADA

O GRE Nacional, criado em 1978, como grupo de reflexão e assessoria da Diretoria da CRB/Nacional, na animação do Projeto de Vida Religiosa no campo da Educação, coordenou, em 1985, com o apoio do Executivo da CRB/Nacional e das Diretorias Regionais, três Seminários para a ANIMAÇÃO DE GREs Regionais.

Tais Seminários, realizados em Petrópolis, Brasília e Fortaleza, possibilitaram a participação de Religiosos de quase todos os Estados do Brasil, dentro da NOVA METODOLOGIA adotada pela CRB para formar multiplicadores de animação da Vida Religiosa nas diversas Regionais.

Apesar de cada Seminário ter tido características próprias, foram notados pontos convergentes que com alegria, entregamos à consideração dos Religiosos em geral e sobretudo dos que trabalham em Educação. Poderão servir igualmente de grande ajuda aos Superiores Maiores e aos responsáveis pela formação, tanto inicial como permanente.

Classificamos esses pontos convergentes em três categorias:

1. Sinais de esperança.
2. Desafios a enfrentar.
3. Perspectivas de ação.

Permitimo-nos simplesmente enumerar tais pontos convergentes, para facilitar a leitura e a síntese dos leitores de CONVERGÊNCIA.

I. Sinais de esperança

1. Integração de forças, para evitar projetos isolados, consolidar o que existe, ter pontos e ações comuns e visualizar um testemunho profético de unidade.

2. Questionamento provindo do mundo dos pobres, novo lugar social, a partir do qual o Religioso deve viver sua Vida Religiosa.

3. A consciência de uma evangelização a partir do Ser Religioso, para que o aspecto profissional não nos impeça de viver a vocação profética no campo da Educação.

4. A necessidade de uma animação que vá além da simples administração.

5. A idéia de uma animação como processo e não como promotora de atividades isoladas ou paralelas.

6. O profetismo próprio do carisma da Vida Religiosa na Igreja:

a) Denúncia dos anti-valores da atual sociedade.

b) Anúncio de uma nova sociedade.

c) Ação transformadora, ultrapassando os esforços de uma simples reforma ou acomodação da sociedade.

7. A consciência da necessidade de revitalizar as pessoas, para que as "Obras não as desumanizem".

9. A integração dos Organismos da Igreja, CNBB, AEC, CRB, e a criação e o funcionamento dos GREs Nacional e Regionais para a animação da Vida Religiosa no campo da Educação.

II. Desafios a enfrentar

1. O insuficiente teor profético e a ambigüidade da Vida Religiosa no campo da Educação, aspectos dos quais os Religiosos têm ainda pouca consciência.

2. A pouca abertura para acolher e implantar novas propostas educativas, conduzidas ao mesmo tempo numa linha transformadora e de processo.

3. Os ataques à Escola, por parte de pessoas da Igreja, inclusive Bispos e Religiosos, quando os inimigos a valorizam e assumem como grande mediação para formar seus agentes.

4. A tendência cada vez mais acentuada para uma volta ao tradicional, por parte de alguns grupos, como recurso tranquilizador frente à agressividade do momento atual, que exige definições e opções claras e profundas.

5. A distância entre o discurso e a prática, gerada às vezes pela falta de

coragem de transformar e de assumir o risco.

6. A indefinição com relação à espiritualidade própria do Religioso Educador e a dificuldade em perceber e viver no campo educativo uma autêntica experiência de Deus que caminha com seu povo e com ele faz história.

7. O insuficiente envolvimento das estruturas provinciais na promoção e animação de uma comunidade profética no campo da Educação, deixando-se facilmente absorver pelo profissional.

8. A descoberta ainda incipiente de caminhos sólidos para formar os jovens religiosos chamados a viver o projeto profético da Vida Religiosa no campo da Educação.

9. O desânimo e o receio de muitos Religiosos por não saber o que colocar no lugar do que se deve derrubar. Tal atitude se agrava ainda mais porque é necessário mudar não só para sobreviver mas sobretudo para melhor servir e testemunhar, na linha da missão do Religioso.

10. A indefinição de muitas Congregações frente ao pluralismo de linhas pastorais, facilmente explicáveis em momentos de novas definições e opções pastorais.

11. O desgaste de muitos religiosos no esforço de atender a imediatismos acadêmicos, como o vestibular, deixando em segundo plano a preocupação fundamental da qualidade.

12. A dificuldade de deslanchar, animar e coordenar processos de transformação a partir da opção preferencial, solidária, pelos empobrecidos.

13. A falta de coragem para compatibilizar um projeto de escola e um modelo de administração econômico-financeira com o projeto profético da Vida Religiosa e do Carisma congregacional.

14. A insuficiente integração numa pastoral mais ampla por causa dos interesses pessoais e congregacionais.

15. A insuficiente consciência, por parte da maioria dos Religiosos, de que o projeto da Vida Religiosa está articulado com todas as forças de libertação.

III. Perspectivas de ação

1. Busca urgente de processos alternativos de educação que viabilizem o projeto profético da Vida Religiosa.

2. Elaboração de um referencial claro e consensual para o Projeto de Vida Religiosa no campo da Educação.

3. Criação de condições que permitam realizar e valorizar experiências significativas de Educação Popular.

4. Maior integração de forças das Congregações numa pastoral mais ampla, implicando maior envolvimento das estruturas provinciais no esforço comum de união de forças e recursos.

5. Os GREs Regionais sejam animadores dos Religiosos que trabalham em educação, como condensadores da consciência do Ser Religioso e da ação refletida.

6. Proposição e vivência de uma metodologia que anime e não só questione os Religiosos Educadores.

7. Esforço por acolher os chamados da Igreja pela democratização do ensino,

criando alternativas condizentes com o projeto profético da Vida Religiosa.

8. Incentivo a mudanças curriculares visando a justiça social.

Membros do GRE / Nacional

CRB — REGIONAL DE BELO HORIZONTE

1. Em 1972 a CRB Nacional programou um encontro de 12 dias, no Rio de Janeiro, para formadores de todas as Regionais do Brasil. A Regional de Belo Horizonte se fez representar por 02 formadores: Pe. Geraldo de Oliveira, Redentorista e Ir. Circe Godoy, FC, que assumiram o compromisso de transmitir aos Religiosos da mesma, os elementos essenciais do curso.

A reflexão sobre o encontro, em B.H., contou com a presença de Provinciais, Formadores, Diretoria da CRB, sob a coordenação de Irmã Mercedes Viana, Clarissa Franciscana, Secretária Executiva de então. Desse encontro nasceu o desejo de se organizar **um noviciado intercongregacional**, assunto que foi discutido, pelos religiosos, em muitos outros encontros.

Levantados: recursos, vantagens, possibilidades, interesse, concretizou-se o seu início.

Assim, em março de 1973, a "turma-semente" iniciou a caminhada do **NOVINTER**, na Casa Provincial João XXIII, à Rua Santa Rita Durão, 885, das Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo. Este foi o cenário onde o **Inter** nasceu, cresceu e caminhou por 10 anos.

2. O grupo inicial foi integrado e dinamizado pelas Congregações: Ordem

dos Franciscanos Menores — com Fr. Francisco Duarte; Carmelitas da Div. Providência — com Ir. Maurícia Vieira; Capuchinhos — com Fr. Toninho Roberto Cavuto; Irmãs Sacramentinas de N.S. — com Ir. Zely de Paula; Sacramentinos de N.S. — com Pe. Estêvam de Paiva; Sacramentinas de Bérgamo — com Ir. Zaíra; Filhas de Caridade de S.V. de Paulo — com Ir. Circe de Almeida Godoy.

O grupo contava com 49 participantes, com o apoio da CRB, com a responsabilidade dos Jovens Formandos que assumiam liderança, e com a presença e entusiasmo dos Formadores. O cronograma previu encontros às 3^{as} e 5^{as}, das 08 às 11 hs, de março e novembro, incluindo: entrosamento entre os participantes, reflexão, estudo, troca de experiência, oração, passeio, avaliação e replanejamento.

3. OBJETIVOS. Ultrapassar as fronteiras da própria Congregação. Aprofundar o espírito de Igreja. Confrontar Carismas. Dar oportunidade aos formandos de auto e hétero conhecimento. Despertar liderança nos jovens. Refletir, em conjunto, sobre temas básicos e comuns à formação. Incluir pessoas extra Congregação no processo de reflexão. Criar laços entre os formadores e unir forças.

4. CRESCIMENTO DO NOVINTER. O crescimento do Novinter deu-se a partir da caminhada e da avaliação consideradas positivas, pelos formadores, formandos e Orientadores. Este resultado foi levado ao conhecimento das Congregações.

Os anos seguintes, contaram então, com a adesão progressiva de vários outros noviciados chegando a 18, 20 cada

ano. Outra mola promotora de crescimento do Novinter foi a programação anual vivida com seriedade. Desde o início, o grupo contou com espaço suficiente para:

— Formação Humana (nos 1^{os} anos):
— Marinha Silva, Psicóloga.

— O tripé: experiência de Deus, vida fraterna, missão: — Frater Henrique.

— Bíblia e vida: — Fr. Carlos Mesters, depois Pe. Gruen, Pe. Carlos e outros.

— História da Igreja: — Pe. Pascoal Rangel e depois, Pe. Alberto Antoniazzi.

— Assuntos diversos: — realidade brasileira, documentos da Igreja.

5. O Novinter funcionou 10 anos com esta estrutura, variando um pouco o conteúdo e orientadores, acontecendo nas 3^{as} e 5^{as}, de 08 às 11 hs, de março a novembro. A parte de confraternização foi sempre considerada insuficiente. Em 1983, após a avaliação do ano findo, o Novinter passou a funcionar em 07 semanas por ano. Cada uma delas é voltada para um assunto básico, e funciona das 08hs às 17hs. Assim, há entrosamento suficiente entre os participantes, a turma ganha tempo para a reflexão e economiza passagens.

Atualmente, o local de encontro está sendo o salão paroquial da Igreja do Pe. Eustáquio. Esta, é uma história bem resumida de longa caminhada feita pelas Congregações, visando oferecer aos formandos oportunidade de aprofundar a motivação para a VR e decidir quanto à opção. Hoje, o Novinter ainda tem sentido? Por quê?

Ir. Circe de Almeida Godoy, F. C.

CINQUENTA ANOS DE BRASIL 1936 - 1986

A Congregação das Beneditinas da Divina Providência teve origem em Voghera, norte da Itália, no ano de 1849, com as irmãs Giustina e Maria Schiaparoli.

A Congregação recebeu o nome de São Bento, especial protetor e pai, cujos princípios de vida orientam a sua espiritualidade, expressa no lema "ORA ET LABORA" que se destaca no escudo da Congregação, e da Divina Providência que a fez nascer e a quer humilde instrumento de caridade.

O apostolado específico da Congregação é de **acolher, assistir e educar** a infância e a juventude. "A instrução, a educação e a assistência que, desde a origem, são os componentes essenciais do apostolado específico da Congregação, sejam oferecidas, com liberalidade, a todos, mas de uma maneira especial, aos pequeninos, aos necessitados, aos pobres" (Art. 129).

As Irmãs Beneditinas da Divina Providência, fiéis ao carisma da Congregação e sensíveis aos apelos da Providência, dedicam-se também às obras caritativo-assistenciais, nos hospitais e asilos para anciãos, conforme o espírito das Fundadoras, procurando continuar a missão de Cristo, o "Bom Samaritano".

1936! Atendendo ao chamado de Cristo, impulsionada pela confiança na Divina Providência, a Congregação abre-se às necessidades da Igreja Missionária. Superando grandes dificuldades, o primeiro grupo de religiosas: Ir.

Faustina, Ir. Aurélia, Ir. Flávia, Ir. Ferdinanda, Ir. Elígia, Ir. Georgina e Ir. Federica partem para o Brasil, a pedido do Vigário, do médico e da população de Nova Veneza — Santa Catarina.

No dia 06 de fevereiro de 1936, partem do porto de Gênova, dispostas a atravessar o Atlântico. Exclamam: "Adeus, lindo céu azul de nossa Itália! Adeus, pátria querida que lentamente desapareces no horizonte longínquo"! Somente com a força do Senhor e com a força do ideal missionário, as Irmãs conseguem partir... e superar as barreiras da longa e extenuante viagem.

No dia 28 de fevereiro, a população de Nova Veneza, em procissão, recebe, com alegria, as Irmãs, conduzindo-as ao pequeno Hospital, onde iniciarão o seu trabalho apostólico. Mais tarde, abrem uma escola, preocupadas com a formação cristã das crianças e jovens, não-somente de Nova Veneza, mas também das cidades vizinhas.

Com o passar dos anos, novas aberturas foram acontecendo. Hoje, as Beneditinas da Divina Providência estão presentes nos Estados de: Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Maranhão e Piauí, procurando responder aos apelos do Mestre: "Ide, ensinai a todos os povos..." A atual Superiora Provincial, Ir. Analúsa Venturini, ajudada pelo seu Conselho, procura animar a vida religiosa das 36 comunidades da Província, desenvolvendo, segundo o carisma, as várias obras nas quais as Irmãs estão engajadas.

Irmã Cecília Baldessar

OS PROFETAS BÍBLICOS INTERPELAM A VIDA RELIGIOSA

*A Vida Religiosa se quer profética. Isso não basta.
É preciso ser profeta de verdade. O falso
profeta não está apenas fora do profeta. Ele
pode estar dentro do próprio profeta, como sua tentação.*

EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA DA CRB NACIONAL

INTRODUÇÃO

A figura do profeta é extremamente impressionante. Ela nos atrai e nos fascina. Admiramos nela a liberdade de palavra, a emoção viva na voz e seu alto senso de justiça divina. Dentre as figuras bíblicas, a do profeta é aquela com a qual mais se identifica a Igreja da América Latina. Os profetas nos tocam mais que os patriarcas, os sábios, os sacerdotes e os reis.

A Índia produziu os grandes ascetas; a China, os sábios administradores; a Grécia, os filósofos profundos; Roma, os juriconsultos; a Sociedade Medieval, os pregadores ambulantes; mas a criação mais original de Israel foram os profetas (G. Papini).

Precisamos, antes de mais nada, caracterizar a figura do profeta, se queremos refletir sobre a "dimensão profética da VR". Sem tirar a limpo a questão do que é realmente um

profeta, o discurso sobre a profecia na VR se torna vago, geral e impreciso. Ora, para tirar as características do profeta, temos que recorrer naturalmente à Bíblia. Da análise do profetismo na Bíblia, em particular daquele dos grandes profetas, sairá uma figura-tipo de profeta que, depois, poderá ser aplicada a Cristo, à Igreja, à América Latina e à Vida Religiosa em particular.

Contudo, esse exercício de aplicação não será feito aqui, mas será deixado a outros trabalhos teológicos e, em particular, à reflexão viva das comunidades religiosas. Foi justamente para ajudar a essa reflexão viva que foram aqui formuladas algumas perguntas (uma depois de cada parágrafo — dez ao todo). As comunidades poderão escolher os pontos que quiserem aprofundar. O presente texto pode parecer longo, mas não é de leitura difícil. Pretende, sim, ser uma provocação profética ao aprofundamento e ao con-

fronto, pois os profetas devem ser tratados profeticamente.

Começemos aqui por dar uma definição essencial do profeta. A partir da Bíblia, a figura do profeta pode ser definida fundamentalmen-

te por essas três palavras: **CRÍTICO RELIGIOSO DA REALIDADE**. Detalhemos esses três pontos essenciais — o que nos dará os dez traços característicos do profeta segundo a Bíblia.

I. O PROFETA É ESPECIALMENTE UM CRÍTICO

1. O profeta é alguém que anuncia e denuncia

Este é o forte do profeta: a contestação, o questionamento. Por quê? Porque fala a partir de uma situação de crise — como veremos melhor no 3.º ponto. Daí sua crítica contundente. O mais das vezes, o profeta profetiza **contra**. Sua palavra é, sobretudo, ameaça e juízo. Ele também anuncia, como diremos, mas o que mais faz é mesmo denunciar. Eis, numa representação plástica, o comportamento que deve assumir o profeta por ordem do Senhor: “Fixando o olhar no cerco de Jerusalém, e com o braço levantado, profetizará contra ela” (Ez 4,7).

Aliás, os livros proféticos estão recheados de denúncias. Os profetas têm o espírito cheio de “furor” divino (Jr 6,11; Ez 3,14). Ameaçam, imprecam, amaldiçoam, condenam. Diz Miquéias: “Eu porém estou cheio de força, de justiça e de coragem, para denunciar a Jacó sua maldade e a Israel seu pecado” (3,8). Por isso mesmo, o profeta é acusado de ser o “perturbador” da nação (1 Rs 18,17: Elias), o “anunciador de desgraças” (Jr 28,7-8; Mq 2,6-11; 1 Rs 22,18: Miquéias,

filho de Jemla), o “tormento” dos ímpios (Ap 11,10: as duas testemunhas).

Note-se, contudo, que o objetivo último dessas denúncias é a mudança de comportamentos, a **conversão** do povo. A força da palavra profética é a força de vida e ressurreição, e não força de morte e destruição.

Entretanto, ao lado ou depois da denúncia, nunca ou raramente falta nos profetas o elemento da **utopia**. A utopia é o anúncio do possível divino. É a promessa do Messias, do Reino de Deus, da Nova Aliança, do Mundo novo. Poderosas são as descrições proféticas desse Mundo Novo. Assim Isaías 2,2-5: “De suas espadas forjarão arados”; Is 11,6: “O lobo será hóspede dos cordeiros”; Is 65,13-25: “Será tido por jovem o que morrer aos 100 anos”; Joel 2,21-27: “As eiras transbordarão de trigo e as tinas de vinho”; Zacarias 8,1-23: “Velhos e velhas ainda se sentarão nas praças de Jerusalém, cada um com seu bordão na mão... enquanto os meninos e meninas estarão brincando”. Aqui, os profetas aparecem como os grandes animadores e consoladores do povo esmagado (Dêutero Isaías e Ez 37). “Eles consolaram Jacó e o

resgataram na fé e na esperança” (Eclo 49,10). Paulo recorda que a palavra do profeta é para edificar, exortar e consolar (1 Cor 14,3).

Os profetas anunciam um Mundo Novo, mas ainda mais um “homem novo”, com um “coração novo” (Jr 31,31-34), e um “outro espírito” (Ez 36,16-38), uma “aliança eterna”, um amor indissolúvel com Deus (Is 54,1-10; 55,3), enfim, o céu na terra (Dn 7). É a imagem do mundo absolutamente libertado, reconciliado.

Jesus mesmo é tido pelo povo como um profeta (Mc 6,15; 8,28). Ele é “o profeta de Nazaré” (Mt 21, 11). Ele mesmo se entende como um profeta (Mt 12,41; 13,57; Lc 13,33). Para dizer tudo, Ele é o Profeta por excelência (Jo 6,14 e 7,40).

Como profeta, Jesus **anuncia** o Reino da Libertação absoluta (Lc 6,20-22: “Felizes vós, os pobres... os famintos... os que chorais... e sois ultrajados...”). Jesus **denuncia**, ao mesmo tempo, todas as forças do anti-reino: a riqueza iníqua (Lc 6,24: “Ai de vós, ricos”), o poder opressor (Lc 22,25-26: “Os reis das nações se comportam como tiranos... Entre vós não seja assim”), a religião falsa (Mt 23: “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas”; Mt 7,1-23: “Esse povo honra-me com os lábios, mas seu coração está longe de mim”). No Evangelho vemos Jesus anunciando o Reino com palavras e sinais, e denunciando tudo que impede sua realização.

Para refletir: Jesus não podia trazer o Reino sem se enfrentar com as forças que lhe eram contrárias: o

pecado e todas as suas conseqüências. Basta lembrar os exorcismos e curas de Jesus, bem como suas polémicas contra os poderosos de seu tempo. Que lições tiramos para nós, hoje, do exemplo de Jesus como profeta denunciador e anunciador?

2. O profeta é uma pessoa cheia de paixão (“pathos”)

Eis o que diz o Eclesiástico de Elias, o grande representante do profetismo bíblico: “Surgiu porém, o profeta Elias, como um fogo. E sua palavra queimava como uma tocha” (41,1). Das duas testemunhas proféticas do Apocalipse (11,5) se diz que “saía fogo de sua boca”. Na verdade, a palavra do profeta é uma palavra incendiada, inflamada, ardente como uma labareda. De fato, ela vem carregada de “pathos”, isto é, da mais profunda emoção.

O que caracteriza a palavra profética é precisamente a veemência. O profeta é vibrante, vulcânico. Não é frio como o cientista, nem sereno como o sábio. Seu verbo é exacerbado, iracundo, furioso e violento. Às vezes é comovido, pungente, de uma emoção infinita. Contudo, é sempre arrebatado, empolgante e cheio da mais alta paixão. Donde sua linguagem animada pelas comparações mais ousadas e pelas hipérboles mais extremas. Basta ler o Cântico de Habacuc (3): “Ele pára e faz tremer a terra... As montanhas eternas são destroçadas”.

Por que esse estilo patético e grandioso? Porque o profeta reflete

um mundo nas convulsões da crise. E depois, como veremos melhor, ele está todo possuído pelo Espírito que nele ferve como vinho novo e arde como incêndio indomável (Jr 20,9). E o Espírito é vento, fogo e liberdade. Inflamado é o espírito do profeta. Dele não se pode pedir contenção, porque sua medida é o entusiasmo e o excesso.

De resto, a profecia na Igreja primitiva não era menos carregada de "pathos". Devia ter sido impressionante presenciar toda a comunidade profetizando. Paulo declara que o "incrédulo ou ouvinte que aí entrar, há de se sentir argüido por todos, julgado por todos; prostrar-se-á com o rosto por terra, adorando a Deus e dizendo: Deus está realmente no meio de vós!" (1 Cor 14,24-25).

Jesus, por sua parte, era um profeta que "falava com autoridade" (Mc 1,22). Sua palavra deixava o povo profundamente impressionado (Mc 6,2; 11,18). Mas sua veemência profética explode no capítulo 23 de Mateus. Não se conhece, em toda a literatura antiga, um requisitório mais carregado de paixão que esse contundente discurso contra o farisaísmo. E quando da expulsão dos vendilhões do templo, Jesus grita: "A paixão de tua casa me devora!" (Jo 2,17).

Para refletir: O profeta se deixa aquecer e incandescer pelo fogo da Palavra que carrega. Por isso fala **com** paixão (não **por** paixão). Se ele convence é porque está antes convencido. Quais são as causas que inflamam a palavra e a vida dos profetas que exercem, hoje, entre nós, seu ministério?

3. O profeta é alguém que enfrenta os poderosos e defende os pequenos

O profeta se levanta frente ao poder político (o rei) e o poder religioso (o sacerdote). Ele é o crítico e o fiscal do poder. Ele é, em concreto, o maior opositor do despotismo oriental ao qual eram tentados os reis do Povo de Deus.

Os poderosos são atacados por quê? Por causa dos salários injustos (Jr 22,13; Ml 3,5), das fraudes dos negócios (Am 8,5; Os 12,8), da venalidade nos tribunais (Mq 3,11; Is 1,23; 5,23), da escravização ilegal (Jr 34,8-22), da crueldade contra os devedores (Am 2,8), da exploração econômica (Is 3,15; Am 2,6-8; 4,1; 8,4-5), da mentira e da perversão do direito (Mq 3,9s; Jr 8,8; Ab 1,4; Am 5,7; Is 5,20), da demagogia com que enganam o povo (Ez 34,18-19; Is 3,12-15; 9,15; Am 2,7), de uma vida de luxo e dissipação (Is 3,16-23; Am 6,5), de maldades e pecados pessoais (Mt 14,3-4; Lc 3,18-20).

Em sua coragem, o profeta não hesita em enfrentar o rei face a face, atalhando-lhe o caminho e denunciando-o publicamente. Assim foi com Elias (1 Rs 21,17-20) e o profeta anônimo que enfrentou Acab pelo caminho, deixando-o "aborrecido e furioso" (1 Rs 20,38-43). Neste sentido, o profeta é o contra-ideólogo por excelência, o crítico dos "maus pastores" (Ez 34; Jr 23, 1-4).

Mas o profeta enfrenta também o **sacerdote**, por ser apenas funcionário do sagrado, e por não esclarecer o povo com o conhecimento do Se-

nhor (Os 4,4-10; Jr 2,8; 6,13; 8,8-9; Mq 3,11; Sf 3,4 e sobretudo Ml 1,6-2,9). Enfrenta igualmente o **pseudo-profeta**, sedutor do povo (Jr 23,13-22; Mq 3,5-11).

Por outro lado, evitando toda demagogia, o profeta sabe corrigir também o **povo** inteiro. Ataca sua religião alienada (Jr 7,21ss; 26,1-15; Is 1,11ss; Am 5,21-25). Desmascara sua falsa segurança religiosa (Mq 3,11á Jr 3,4; Is 56,12; especialmente Am 5,18ss).

Mas, não há dúvida, os pequenos e indefesos são normalmente defendidos pelo profeta. Ele é seu tribuno frente aos grandes. O profeta está indefectivelmente ao lado dos pobres e de todos os injustiçados. Natã, frente ao Rei Davi (2Sm 12), defende Urias, ludibriado e morto. Elias se ergue em defesa de Nabot, espoliado de sua terra e assassinado pelo Rei Acab (1 Rs 21). Amós se levanta iracundo em favor de todos os oprimidos do povo: "Eles vendem o justo por prata e o pobre por um par de sandálias. Esmagam, contra o pó da terra, a cabeça dos fracos e tornam torto o caminho dos humildes" (2,6-7). "Ouvi, vós que esmagais o pobre e quereis eliminar os humildes do país" (8,4). Grita, por sua vez, Isaías, indignado contra os chefes do povo: "Com que direito esmagais o meu povo e calcais aos pés o rosto dos pobres?" (3,15). Declarando retomar "o ensinamento e as palavras que o Senhor Todo-poderoso enviara por seu Espírito, por intermédio dos antigos profetas", Zacarias assim afirma: "Julgai um julgamento verdadeiro, praticai o amor e a misericórdia cada um com seu irmão. Não oprimeis a viú-

va, o órfão, o estrangeiro e o pobre" (7,9ss; cf. Jr 22,3).

Entre os poderosos do tempo e o "povinho amaldiçoado" (Jo 7,49), Jesus estava sempre do lado deste último. Ataca os escribas que "devoram os bens das viúvas" (Mc 12,40); apresenta a viuvinha como exemplo de generosidade, em contraposição aos ricos doadores (Mc 12,38-39); faz-se advogado dos publicanos e pecadores, contra os fariseus que o criticam (Lc 15,1ss); toma a defesa de uma corcundinha, contra o chefe da sinagoga (Lc 13,10-17), etc.

Por seu lado, Maria aparece no Magnificat, como uma mulher profética "que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e oprimidos, e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo" (Paulo VI MC 37).

Para refletir: A situação de miséria e opressão, na América Latina, levou a Igreja e a Vida Religiosa, em particular, a redescobrirem a verdade evangélica do "privilégio do pobre". Quais são as formas proféticas de "opção pelos pobres" que os(as) religiosos(as) estão vivendo hoje? Quais são as conseqüências desta opção, para a globalidade da Vida Religiosa?

4. O profeta é alguém que é perseguido

O profeta é incompreendido, alvo de contradição e mesmo de maldição (Jr 15,10), difamado como agitador (1 Rs 18,17; Am 7,10), atacado e ofendido publicamente (2 Rs 22: Miquéias esbofetado e preso),

preso e torturado (como Jeremias: 37,13; 38,4), acossado por todos os lados (Os 9,8), expulso do templo e do país (como Amós: 7,1ss) e finalmente, assassinado (como diz Jeremias ao Rei, em 38,15: "Se eu te respondo me farás morrer").

Realmente, ser profeta é ser candidato ao martírio. Expressiva, neste sentido, é a história do profeta Urias. O rei Joaquim persegue o profeta. Este foge para o Egito. O rei o extradita e, uma vez em suas mãos, "manda-o degolar, jogando seu cadáver na fossa comum" (Jr 26,20-23). Não faltam massacres de profetas em massa, como o que perpetrrou a rainha Jezabel (I Rs 18,4-13; 19,10-14).

Dentre as grandes figuras proféticas da Bíblia, destaca-se a do Servo Sofredor, o Profeta das Nações. Sua missão se salda pelo martírio — redenção das multidões (Is 53). Jesus, realização plena dessa figura, sabe que o profeta é necessariamente (e não apenas acidentalmente) perseguido: "Felizes sereis vós quando vos caluniarem, perseguirem e disserem falsamente todo mal contra vós... pois foi assim que perseguiram os profetas que vieram antes de vós" (Mt 5,11-12). Tal foi, de resto, o destino do próprio Jesus (cfr. Lc 13,33), como, aliás, o de João Batista e dos Apóstolos.

Por causa de tudo isso poderíamos dizer que o profeta é um homem humanamente fracassado. Sua pregação, em vez de melhorar os problemas, parece que tende a piorá-los. De fato, num primeiro momento, a revelação da crise exacerba a própria crise. É o que acontece

com Isaías (6,9=Mt 13,14-15): sua pregação em vez de mudar a situação social, leva-a a um endurecimento, exatamente como as reivindicações de Moisés levaram o coração do Faraó à obcecação total (Ex 4,21; 7,3). Contudo, a intenção final do profeta é sempre a **conversão**. Assim mesmo, o profeta sabe que entra em campo com a perspectiva da rejeição. Não nutre ilusões: a multidão não vai ouvi-lo (Ez 3,7-8; Jr 1,19; 7,27). Mas do meio do povo em geral, os "pobres" e "humildes da terra" ouvirão o Senhor, ao contrário dos "orgulhosos fanfarrões", "chefes, filhos do rei e todos os que se vestem com roupas estrangeiras" — como nos ensina magnificamente Sofonias (2,1; 3,12-13: pobres; 1,8-11 e 3,11: grandes). Isto quer dizer que o destino dos profetas é o destino dos oprimidos com os quais se ligou.

No entanto, deve-se reconhecer que da parte dos grandes, vez por outra, excepcionalmente, o profeta é escutado. Por exemplo, Natã e Gad são ouvidos pelo rei Davi (2 Sm 12 e 24). Acontece ao rei Acab, de acatar Elias (1 Rs 21,27-29). O rei de Nínive, com seu povo, converte-se à pregação de Jonas (3,10), e agora é o profeta que, surpreso e revoltado, não compreende mais a conversão dos ninivitas e o perdão do Senhor... De uma feita, Jeremias escapa de ser linchado por mãos das autoridades religiosas, graças à proteção dos oficiais, e em particular de Aicam (26,16-19). Enfim, sabe-se que as profecias de Miquéias de Mórechet receberam acolhimento favorável por parte do rei Ezequias (Jr 26,18-19; 2 Rs 18,3-6).

Concluindo, digamos que o sucesso verdadeiro dos profetas se coloca no horizonte escatológico do plano da salvação. O ministério profético não se esgota no tempo biográfico do profeta, mas se estende até o presente e chega até nós, como diz Pedro (1 Pd 1,12). Donde, os profetas podem ter sido vencidos em seu tempo, mas seus oráculos e vaticínios venceram o tempo e continuam a ter hoje plena vigência. Por isso, podemos dizer que o sucesso do profeta é quase sempre póstumo. Os

profetas são reconhecidos plenamente só depois de mortos. É então que se lhes elevam túmulos e monumentos, como ironizou Jesus (Mt 23,29). Mas tal é seu destino: uma tragédia humana que se salda em vitória divina.

Para refletir: “Os profetas não se calam denunciando a opressão”, diz um canto religioso atual. Qual é o lugar da profecia dentro da Igreja e da própria Vida Religiosa? Como o profeta **hoje** é acolhido ou então rejeitado?

II. O PROFETA É UM CRÍTICO DE TIPO RELIGIOSO

5. O profeta é um “homem de Deus”

A diferença de qualquer outro crítico, na sociedade, o profeta se define com relação a Deus. Sua palavra não é palavra dele, mas a Palavra do Senhor. Ele “fala o que ouve”. Fala a palavra do outro. Isso faz-se ver no gênero literário que o profeta usa, o gênero **oracular**. O profeta abre, e às vezes também fecha, sua palavra com o enunciado: “Oráculo do Senhor”, ou “Assim fala o Senhor”.

Ademais, o sentido etimológico do termo hebraico para profeta “**nabi**” é: “chamado” (no passivo), ou ainda, “anunciador” (no ativo). Vê-se, por aí, que o profeta é um “chamado-enviado”. A própria etimologia do termo grego “**pro-phetes**” não diz outra coisa: é aquele que fala (“**phemi**”) em nome (“**pro**”) de Alguém, ou que “**pro-nuncia**” ou “**pro-fere**” a mensagem de um Ou-

tro. Podemos, portanto, definir o profeta como o “porta-voz de Deus”. Note-se que a noção popular de profeta como alguém que prediz o futuro, não é completamente errada, mas não diz o principal e específico do profeta, que é falar em nome de Deus (denunciando o presente e anunciando o futuro).

Na raiz da missão profética há uma profunda experiência de Deus. O profeta é um confidente a quem Deus revela seus planos (Am 3,7; 1 Rs 22,18s).

Que o profeta seja um escolhido de Deus, vê-se claramente nos relatos de vocação profética. Neles se observa que o profeta recebe diretamente do Senhor uma consagração ou investidura profética. Assim acontece com Amós (7,10-15), Oséias (1-3), Jeremias (1,4-10), Isaías (6,1-13). Ezequiel (6,1-3.11), o Dêutero-Isaías (40,1-11) etc.

É Deus mesmo que coloca suas palavras na boca do profeta. Assim se vê em Jeremias (1,9-10). Ezequiel é obrigado a devorar todo um rolo de papiro contendo as palavras que deverá proclamar (2,8-33). Balaão (Nm 24,13), assim como Miquéias, filho de Jemla (1 Rs 22,14), afirma com convicção: “O que o Senhor disser, eis o que vou dizer” — e isso malgrado sua própria vontade e as expectativas dos presentes.

Ao contrário, os falsos profetas são aqueles que falam sem Deus tê-los mandado. Não é Deus que coloca as próprias palavras na boca deles, mas são eles que colocam as próprias palavras na boca de Deus (Jr 23; Ez 13). Portanto, mentem e enganam. A um pseudo-profeta, joga-lhe Jeremias em face: “Ouve bem, Ananias! Não te outorgou missão o Senhor! És tu que arrastas o povo a crer na mentira” (28,15). Evidentemente, para o profeta ser creditado, não basta a autoconsciência íntima e a convicção manifesta de que foi enviado por Deus. É preciso ainda que ofereça “sinais”, ou seja, os critérios de sua competência profética. Ora, o critério decisivo para se distinguir o verdadeiro do falso profeta é aquele colocado de modo límpido e claro pelo próprio Cristo: o critério dos frutos (Mt 7,15-20). Paulo indica também o critério do julgamento dos irmãos (1 Cor 14,29-33). Ele mesmo, para discernir o verdadeiro caminho a ser seguido pela comunidade, não só toma posição pessoal, mas busca em Jerusalém também a palavra dos Apóstolos e de Pedro (Gl 2,1-2; At 15,2).

Quanto ao profeta Jesus, Ele não é apenas um “homem de Deus”, o portador de sua palavra. Ele é essa mesma Palavra encarnada. “Muitas vezes e de vários modos outrora falou Deus aos nossos pais pelos profetas. Ultimamente nos falou por seu filho” (Hb 1,1). É o que exprime também a parábola dos vinhaiteiros: depois dos servos — os profetas —, o dono da vinha envia “seu único filho” (Mc 12,1-12). É por isso que Ele é o Profeta Absoluto.

Para refletir: A Vida Religiosa se quer profética, sobretudo entre nós, na América Latina. Contudo, isso não basta. É preciso ser profeta de verdade. O falso profeta não está apenas fora do profeta. Ele pode estar também dentro do próprio profeta, como sua tentação. Quais são os sinais concretos que distinguem o verdadeiro do falso profetismo, na Vida Religiosa atual?

6. O profeta é uma pessoa possuída e compelida pelo Espírito

“Foi ele — o Espírito — que falou pelos profetas”, confessam os cristãos no Credo. De fato, o profeta é o homem do Espírito. Ele é o “inspirado” (Os 9,7). A segunda carta de Pedro atesta: “Jamais uma profecia se proferiu por vontade humana, mas foi pelo impulso do Espírito que homens falaram da parte de Deus” (1,21).

Profeta é o homem sobre o qual “baixou” o Espírito. Este entra nele e fala por ele. Trata-se de verdadeira **possessão pneumática**, o exato

contrário da possessão diabólica (cfr. Mc 3,22-30).

O Espírito de Deus empunha o profeta como uma mão que agarra, um vento que arrasta. Diz Ezequiel (3,14-15) que o "Espírito o arrebatou e o levou" para junto dos deportados, "enquanto a mão do Senhor pesava sobre ele". Habacuc é segurado pelos cabelos da cabeça e transportado até Babilônia, à beira da cova dos leões, "na impetuosidade de seu espírito" (Dn 14,33-39).

À "possessão pneumática" segue-se a "compulsão profética". Quando o Espírito "baixa" no profeta e toma posse dele, este sente-se compelido a falar. E isso desde dentro, e não por pressão externa.

O Espírito de Deus acossa o espírito do profeta como agulhão. É inútil recalcitrar! Assim o experimenta Paulo (At 26,14 e 9,5). Com efeito, os relatos de vocação profética mostram que todos os profetas começam por resistir ao Espírito e recuar frente à ordem divina: "Quem? Eu?". Jonas quer fugir, mas não adianta. Balaão (Nm 23-24) é chamado para fulminar Israel com uma maldição. Prepara-se para a tarefa, mas finalmente acaba vendo-se compelido a pronunciar uma bênção.

Amós compara a poderosa coerção interior que sente com o ímpeto de fugir de um leão: "Rugiu o leão, quem não temerá? O Senhor Deus falou, quem não profetizará?" (3,8).

Jeremias é o profeta que mais vezes e mais fortemente se refere à ir-reprimível compulsão do Espírito

dentro dele. O profeta gostaria de se furtar a esse impulso tormentoso, mas não consegue: "Seduziste-me, Senhor... Dominaste-me" (20,7). "Em minhas entranhas havia um fogo devorador... Esgotei-me por refreá-lo, mas não consegui" (20,9).

Jesus, o Profeta (Jo 6,14; 7,40), também é "repleto do Espírito" (Lc 4,1), que O consagra e envia (Lc 4,18). Mas Nele a resistência humana cede lugar à plena docilidade de Quem é, com o Pai, a Fonte originária do próprio Espírito.

Para refletir: Os que abriram caminhos novos no mundo do Espírito podem ser chamados de profetas. Tais foram os fundadores e fundadoras dos Institutos Religiosos. De que forma eles mostraram ser pessoas proféticas, "cheias do Espírito Santo?" Hoje, o que esse modo de agir dos fundadores está exigindo dos religiosos e religiosas?

7. O profeta é o portador da palavra

A palavra é a arma principal do profeta. Este é essencialmente "aquele que fala", e não tanto "aquele que faz". Ele é a "boca" do Senhor (Jr 15,19). Por isso mesmo, Deus deve tocar e purificar seus lábios (Jr 1,9; Is 6,6).

O Espírito profético é sempre um Espírito de palavra. Na Bíblia nota-se uma relação estreita entre o Espírito e a palavra. Sempre que o Espírito desce, levanta a palavra. Assim nos vários pentecostes dos Atos: baixou o Espírito, todos erguem suas vozes (2,4; 4,31; 10,44-46; 19,6). Agora, tapar a boca às pessoas é

obra do espírito demoníaco. Jesus, ao contrário, devolve a palavra aos emudecidos (Mt 9,33; etc.).

Mas a palavra profética é a palavra-de-força. É palavra que hoje diríamos "performativa": produz um efeito, performa alguma coisa. É uma palavra como que sacramental: faz o que diz. De fato, ela chama à conversão, à mudança, à libertação. Ela está, portanto, estreitamente vinculada à vida e à práxis. Não é palavra abstrata, meramente teórica e, menos ainda, simplesmente retórica. É palavra viva e libertadora.

Assim era, sobretudo, a palavra de Jesus, "Profeta poderoso em palavras e obras" (Lc 24,19): Ele "falava com autoridade" (Mt 7,29).

Por isso, frente ao profeta, ninguém pode ficar indiferentes: é-se obrigado a tomar posição. Sua palavra move e abala. Ele usa a violência da palavra mas não a palavra da violência. "O profeta visa sempre iluminar o crânio de alguém, em vez de quebrá-lo" (E. Bloch).

Ademais, os profetas não falam só com a boca. Falam também com gestos. Trata-se dos **gestos simbólicos**. A Bíblia nos dá mais de 30 deles: o da canga partida (Jr 28,10-11); o da bagagem do emigrante (Ez 12,1-11); o do profeta andante nu pelas ruas (Is 20); o do manto dividido em 12 partes (1 Rs 11, 29-39); etc.

Alguns desses gestos simbólicos envolvem a vida mesma do profeta, de modo que seu próprio viver se torna profecia. Assim ocorre com Jeremias, vivendo sem mulher nem

filhos (Jr 16,1-4), para mostrar que não vale a pena ter família, devido ao castigo iminente. Quanto a Oséias, é todo o seu drama conjugal, ao lado de uma esposa antes prostituta e depois adúltera, que simboliza as infidelidades de Israel para com o Deus sempre fiel (1-3).

Devemos, todavia, admitir que encontram-se também profetas "poderosos em obras" e não apenas em palavras, ainda que simbólicas e existenciais. Tais foram principalmente os profetas não-escritores: a profetisa Débora (Jz 4-5), o grande profeta Samuel (todo 1 Rs), o "príncipe dos profetas", Elias (1 Rs 17,1-2 Rs 2,18), Eliseu (2 Rs 2-13), etc.

Do mesmo modo, Jesus é aclamado pelo povo em termos de profeta, justamente após uma ação libertadora. Assim, depois da ressurreição do jovem de Naim: "Um grande profeta surgiu entre nós" (Lc 7,16; cf. Mc 6,14-16; Jo 6,14; 7,17). De fato, Ele é considerado "um profeta poderoso em obras e palavras" (Lc 24,19).

Para refletir: Afirma-se constantemente que a Vida Religiosa é um "testemunho profético": testemunho porque surge da vida e leva à vida. Como deve ser o trabalho de sua comunidade concreta (obra, formação, governo, etc.) para ser profecia no sentido de uma palavra-ação, mensagem de vida e libertação?

8. O profeta é a pessoa livre da palavra livre

Ele enfrenta reis, sacerdotes, falsos profetas e até o povo inteiro, armado unicamente da espada da Pa-

lavra. Ele se entende como partidário absoluto de Deus. Se é unicamente Deus quem o envia, então ele só se sente responsável diante Dele. Obedecerá antes a Deus que aos homens (cf. At 4,19; 5,29).

Mandam-no calar: “Não profetizes contra Israel e não fales contra a casa de Isaac”, ordena o sacerdote Amasias ao profeta-lavrador (Am 7, 16; cf. 1,12; 7,12-13). Assim é com Miquéias (2,6), com Isaías (30,10), com Jeremias (11,21) e com os outros profetas (ex. 1 Rs 22,8-27). Mas o profeta não pode se calar: a Palavra de Deus é para ele inexorável. Seria como pedir ao fogo para não queimar (cf. Jr 20,9). Não podendo abrir a boca, o profeta recorre ao escrito, como é o caso do chamado memorial de Isaías (6-9).

O profeta se mostra livre particularmente frente ao poder político. Não “comê à mesa” do rei, como os profetas-cortesãos (1 Rs 18,19), adutores do poder e seus caudatários (1 Rs 22). Estes são profetas mercenários, jamais contrariam a vontade do soberano. O verdadeiro profeta mantém-se à distância do poder, e assim tem condições de criticá-lo.

O que pode, segundo a Bíblia, corromper um profeta? É fazê-lo cair numa dessas três tentações:

1. Participação no poder. É nisso que estão de pés e mãos amarrados os profetas a serviço do rei e sua corte. Tais são “os 450 profetas de Baal e os 400 profetas de Asera que comem à mesa de Jezabel” (1 Rs 18-19). Na mesma condição estão os

400 profetas que profetizavam mentirosamente ao rei Acab uma vitória militar (1 Rs 22,5-6). Por sua parte, Natã e Gad são certamente profetas de corte, mas não se mostram de modo algum cortesãos: sabem enfrentar o rei David quando é preciso (2 Sm 12 e 24) e o rei (sublime exceção!) se inclina diante do profeta.

2. Vantagens econômicas. Grita Miquéias: “Assim diz o Senhor contra os profetas que seduzem o meu povo, contra os que proclamam ‘paz’, se têm algo para morder com os dentes, mas declaram a guerra a quem não lhes mete nada na boca” (3,5). A essa tentação, entretanto, não cedeu Eliseu, ao contrário de seu servo Giezi (2 Rs 5).

3. Demagogia. Jeremias ataca os profetas que não resistem ao desejo de agradar à opinião pública. “Os profetas profetizam mentiras, mas meu povo gosta disso” (5,31). Isaías sente a pressão das expectativas populares alienadas: “Dizei-nos coisas lisonjeiras! Profetizai-nos ilusões!” (30,10). Miquéias é ainda mais claro e contundente: “Se um homem correr atrás do vento e inventar mentiras, dizendo: ‘Eu profetizo para ti, vinho e cerveja’ — esse é o profeta que convém a meu povo!” (2,11). Portanto, a demagogia é a forma mais perigosa da tentação da fama e do desejo de sucesso, que persegue o profeta. O profeta autêntico conserva-se livre frente a essas três tentações, sempre se encontram pessoas que queiram tapar-lhe a boca: os invejosos (cfr. Nm 11) e os prepotentes (cfr. 1 Rs 13).

Jesus foi, de todos, o Profeta mais livre. Livre porque pobre e despojado de tudo. Não tinha poder econômico, político ou acadêmico algum. E a mesma liberdade-pobreza queria-a para seus discípulos (Mt 10,9-10). Não deixou de sentir,

toda a força da tentação do poder, mas nunca cedeu a ela (Mt 4,1-11).

Para refletir: Quais são, hoje, concretamente, as maiores tentações para as mulheres e homens de Igreja, que as(os) levam a perder sua liberdade profética?

III. O PROFETA É PROFETA DA REALDADE CONCRETA

9. O profeta é filho e intérprete da crise

O profeta não surge a qualquer hora e em qualquer lugar. Surge lá onde ferve a crise, onde há caos, desolação e miséria. O profeta é o homem extraordinário das situações extraordinárias (P. Bourdieu). Ele é filho das crises. Filho e intérprete dessas crises. "Fomes e guerras suscitam profetas" (M. Maus).

Não é o profeta quem coloca a sociedade em crise. Ele apenas recolhe a crise existente e a diz ao povo. Ele é o espelho que reflete uma situação de aflição e devolve ao povo sua imagem dolorida. Sente o que todos sentem, mas, à diferença dos demais, exprime o que está inexpresso, formula o informulado, dá forma ao sentimento difuso e confuso.

Se é assim, poderíamos dizer que o profeta é a **consciência desperta** da comunidade. É o olho do povo, o "vidente", como eram chamados Samuel (2 Cro 16,7), Amós (7,12), Miquéias (3,6-7). É a **sentinela** que monta guarda junto ao povo, como se autodefine Ezequiel (14,1-11; 33, 1-10).

Nesse sentido, todas as sociedades possuem seus profetas. A própria Bíblia o atesta. Tais eram os casos de Balaão, profeta da Mesopotâmia (Nm 22-23), dos profetas de Baal e de Astarte (1 Rs 18,19), dos profetas dos povos vizinhos de Israel (Jr 21,3-9), dos magos e adivinhos caldeus (Dn 2,2; 4,3-4), etc.

Fora da Igreja também podem existir formas de profetismo. É a chamada "profecia exterior". Pode haver ali profetas que questionam a situação atual, por causa das injustiças, e também as religiões existentes, devido a suas incoerências. São os "profetas forâneos", como, p. ex., Gandhi.

Dissemos que situações gravemente contraditórias produzem profetas. De fato, no AT, os profetas propriamente ditos surgem precisamente quando Israel se torna uma sociedade de classes, ou seja, com a monarquia. É então que se agravam as contradições sociais, as injustiças e opressões. É que se passa do poder partilhado ao poder concentrado. E entre o oprimido e o opressor, levanta-se o profeta em favor do oprimido.

Assim, Elias aparece como filho e intérprete da crise econômica (extorsão da terra), política (despotismo) e religiosa (sincretismo) da dinastia dos Omridas que se deixam perverter sob a forte influência do mundo cananeu circundante. Amós, por sua parte, é o articulador dos contrastes sociais (opulência e miséria), no tempo de Jeroboão. Jeremias, e depois Ezequiel, são os profetas da crise do Exílio. Isaías é testemunha da insegurança social que reina em Judá, face às ameaças das potências vizinhas (3,1-15: anarquia social, por exemplo). E assim por diante. Cada crise tem seu profeta, e cada profeta sua crise. A prosperidade não é terra de profetas. Por que o período de Salomão é vazio de profetas?

Na mesma linha se pode perguntar por que as sociedades opulentas de hoje são pobres em profetas, e por que, na América Latina, como registra Puebla (268), ocorreu nos últimos anos uma "intensificação da função profética"?

O profeta é fruto próprio das estações de crise. Por isso, a profecia não é e nem pode ser uma instituição, como a realeza e o sacerdócio. O profeta é o anti-funcionário por definição. Ele é o representante do carisma e não do poder, do instituinte e não do instituído, da invenção e não da conservação.

Por isso também, o profeta é tão imprevisível como a crise de que é reflexo. Ele não é preparado, antes surge, irrompe, levanta-se no meio do povo, e diz a palavra que deve ser dita. Ele não pode ser programado, como não o pode o Espírito na

história. Pela Bíblia se vê que a função do profeta é completamente independente da profissão, idade, sexo, condição social. Por exemplo, Amós era lavrador; Hulda, mulher e dona de casa; Ezequiel, sacerdote; Isaías, um aristocrata; Samuel era um jovem quando começou a profetizar.

A mulher também tem parte no ministério profético. Além de Hulda, o Antigo Testamento conhece outras profetisas: Miriam, irmã de Moisés (Ex 15,20); Débora, a juíza (Jz 4,4); a mulher de Isaías (Is 8,3). Também no Novo Testamento existem profetisas: a velha Ana (Lc 2, 36-38); as filhas do diácono Felipe (At 21,9). Paulo conheceu a "mulher que profetiza" (1 Cor 11,5). Isabel e Maria aparecem na postura de profetisas, mesmo sem esse nome, pois falam "cheias do Espírito Santo" (Lc 1,41-56).

Também entre as mulheres dá-se o falso profetismo (Ne 6,14: Noadias, que enfrentou o próprio Neemias; Ez 13,17-23: bruxas; Ap 2, 20: Jezabel).

Por ser único, o profeta profere sua palavra única, surpreendente, nova. Quando o aparelho religioso está emperrado, a profecia põe-se em movimento e diz sua palavra inaudita, alternativa. É verdade que o profeta se endereça à tradição. Assim Elias voltando ao Horeb (1 Rs 19), Oséias referindo-se ao ideal do deserto (11,1-5), Jeremias e Isaías relembrando o Êxodo (Jr 2, 2-3; Is 43,16-21). Fazem-no, contudo, de modo criativo, tomando o melhor da tradição, isto é, seu espírito sempre novo, e traduzindo-o

para hoje. Por isso mesmo atacam a letra e todo "papagueado" teológico. A profecia é a Revelação-hoje, a Torá e o Evangelho-hoje. Os profetas se entendem como embaixadores de Deus, para renovar a cada vez o "pacto eterno" rompido (Mq 6,1-8). Assim recriam o evento da Aliança. Podem, então, falar em "nova aliança" (Jr 31,31-34), em "coração novo" (Ez 36,16-38). Concluindo, podemos dizer que o profeta não é o homem do velho-decadente, mas do antigo-sempre-novo. É tanto mais revolucionário quanto mais radicalmente tradicional. E vice-versa.

Jesus, por sua parte, não é o Profeta de uma crise histórica qualquer. Jesus é o Profeta absoluto da crise absoluta. Assinala o fim de uma ordem histórico-salvífica e inaugura a ordem nova e definitiva. É o Profeta escatológico, segundo afirma o Evangelho de João, quando fala da crise ou julgamento (3,17-21; etc.).

Para refletir: O Espírito é livre como o vento, disse Jesus (Jo 3,8). E ele "enche o orbe da terra" (Sab 1,7). Que pulsões proféticas surgem e circulam hoje, fora da Igreja? E que querem dizer à Igreja em geral e à Vida Religiosa em particular?

10. O profeta é sempre o homem do concreto

Ele não se pronuncia sobre teorias do mundo, provérbios gerais e leis abstratas. Ele se pronuncia sobre o aqui e agora. O profeta é essencialmente um discernidor e juiz da atualidade histórica. Ele diz qual

é a vontade de Deus neste momento particular e único.

Nesse sentido, o profeta é o contrário do "alienado", desencarnado e espiritualista. Pode ser radical, mas não idealista. Pode ser utópico, mas não sonhador.

Chama as coisas pelo nome. Estende o dedo e diz: "Tu és esse homem!" (2 Sm 12,7). Nisso é o anti-diplomata por excelência. Lança vaticínios detalhados sobre pessoas individuais, lugares e circunstâncias definidas. Assim, Amós ao sacerdote cortesão Amasias: "E, agora, ouve a palavra do Senhor... Tua mulher se prostituirá na cidade, teus filhos e filhas cairão pela espada, tua terra será dividida a cordel, e tu morrerás em terra impura" (7, 16-17).

O profeta projeta sempre a palavra sobre a situação concreta. Seu método é: Palavra/Vida. Por isso mesmo não pode deixar de se envolver com política. Tal envolvimento, às vezes, é indireto, mas muitas vezes direto. Sua intervenção, muitas vezes decisiva, é evidente sobretudo nos profetas não-escritores, "poderosos em obras". Samuel se envolve com Saul (1 Sm 7-15), Natã e Gad com Davi (2 Sm 12 e 24), Aías de Silo com Jeroboão (1 Rs 11,29-39), Jeú filho de Hani com Zambri (1 Rs 16), Miquéias, filho de Jemla com Acab (1 Rs 22), Semeias com Roboão e Jeroboão (1 Rs 12,21-24), Elias e Eliseu com Acab (1 Rs 17ss), Eliseu com Hazael e Jeú (2 Rs 8-9) e assim por diante.

Igualmente, os profetas clássicos (escritores) tiveram um papel proeminente na política, particularmente os três maiores: Isaías, Jeremias e Ezequiel.

De resto, todos os profetas — como vimos — foram os grandes críticos das injustiças sociais do seu tempo. Nesse sentido, os profetas exerceram sempre um papel político da maior importância.

Observe-se, contudo, que nem todas as intervenções políticas dos profetas se revelaram acertadas. Assim, por exemplo, a sagração real de Saul por Samuel: o rei não correspondeu à sua expectativa inicial. O mesmo se pode dizer de Jeroboão com respeito aos profetas Aías, e também de Jeú relativamente a Eliseu. Quer dizer: os profetas nem sempre acertam em política, mas nem por isso deixaram de assumir o risco que todo o concreto implica.

No que se refere a Jesus, suas relações, palavras e milagres mostram que foi um Homem extremamente concreto. Mexeu com os problemas humanos mais reais: familiares, econômicos, políticos, religiosos. Por quê? Porque introduziu a Revolução absoluta, o Reino de Deus. Ora, frente ao Reino, tudo tem sua importância, mesmo os pássaros do céu e os lírios do campo (Mt 6,25-34), pois cada coisa pode ser sacramento de tudo.

Para refletir: O profeta tem a “coragem do concreto”. Os religiosos e religiosas não têm a competência de resolver todos os problemas, mas podem emitir gestos proféticos que sejam símbolos de um mundo novo. Analise intervenções significativas de sua comunidade ou de outras, em cima de situações concretas.

CONCLUSÃO

Podemos terminar com as palavras estimulantes de Paulo a respeito dos profetas cristãos, no cap. 14 da primeira Carta aos Coríntios:

“Aspirai aos dons espirituais, mas sobretudo ao da profecia... Aquele que profetiza fala para os homens, para edificá-los, exortá-los e consolá-los... Ora, desejo muito mais que profetizeis. Maior é quem profetiza do que quem fala em línguas...”

“Quanto aos profetas, falem dois ou três, e os outros julguem. Se foi feita uma revelação a alguém, o primeiro se cale. Todos, um após outro, podeis profetizar, para todos aprenderem, e serem todos exortados. Os espíritos dos profetas devem estar submissos aos profetas. Porquanto Deus não é o Deus da confusão, mas da paz... De modo que, meus irmãos, **ASPIRAI AO DOM DA PROFECIA.**”

BIBLIOGRAFIA

Para o aprofundamento pessoal do leitor, a respeito deste assunto, sugere-se a seguinte bibliografia, não exaustiva, mas apenas indicativa:

(1) T. BALLARINI, “Introdução à Bíblia”, tomo II, vol. 3, cap. 1º, Ed. VOZES, 1977. (2) Vários, “Profetas: ontem e hoje”, Col. Estudos Bíblicos nº 4, Ed.

VOZES, 1984 (ou REB 44, fasc. 176, dezembro de 1984). (3) N. LOTFINK, "Profetas ontem e hoje", Ed. PAULINAS, 1979. (4) W. BRUEGGEMANN, "A imaginação profética", Ed. PAULINAS, 1983. (5) R. B. Y. SCOTT, "Os profetas de Israel, nossos contemporâneos", Ed. ASTE, São Paulo, 1968. (6) CLAR, "Tendências proféticas da Vida Religiosa na América Latina", Publicações da CRB, 1977. (7) Frei CAMILO MACCISE, OCD, "A criatividade como resposta ao Senhor da História", in CONVERGÊNCIA nº 158, 1982, p. 610s. (8) Frei CAMILO MACCISE, OCD, "Comunidade Religio-

sa e Missão Evangelizadora Hoje", in CONVERGÊNCIA nº 161, 1983, p. 150s. (9) Pe. CLETO CALIMAN, SDB, "Relações entre Vida Religiosa e Igreja Local à luz da Missão. Uma aproximação teológica", in CONVERGÊNCIA nº 166, 1983, p. 496s. (10) Frei CARLOS MESTERS, O. Carm., "Restabelecer a justiça de Deus no meio do povo. Vida e luta do Profeta Elias. Sobre a missão profética", in CONVERGÊNCIA nº 171, 1984, p. 175s. (11) Pe. ROGÉRIO IGNACIO DE ALMEIDA CUNHA, SDB, "Solidariedade consagrada: profecia latino-americana", in CONVERGÊNCIA nº 173, 1984, p. 284s.

A libertação sócio-econômico-política faz parte da missão da Igreja?

SIM. Sem dúvida alguma. É parte constitutiva **integrante** da missão da Igreja. Não se trata de alguma coisa acidental e dispensável. A salvação dos homens, entretanto, realizada por Jesus Cristo, é parte constitutiva **essencial** da evangelização e inclui fortes vínculos com a promoção humana em seus aspectos de desenvolvimento e libertação. A Igreja é portadora de uma missão essencialmente religiosa. Cumprir esta missão é seu dever prioritário.

A criança — O pobre — A insignificância social

Bíblia — "Jesus pegou uma criança, colocou-a no meio dos Apóstolos e, abraçando-a, disse: Quem acolher, em meu nome, uma destas crianças é a mim que estará acolhendo" (Mc 9, 37). "Em verdade eu vos declaro, se não vos tornardes como crianças não entrareis no reino dos céus" (Mt 18, 3).

Leitor — A criança é o metro e o padrão para se habilitar ao céu, ao Reino. Este critério seletivo se apóia em sua candura, inocência, pureza e, sobretudo, na sua insignificância social. A criança não é significante na sociedade porque destituída do TER, do SABER e do PODER. É pobre. E o pobre tem a opção preferencial de Deus. Em nossa sociedade feita como um bolo em camadas que não se interpenetram, se entreolham com desconfiança e à certa distância, a significância das pessoas é avaliada na medida de seu ter, saber e poder. Os significantes são sempre ocupados. A criança e o pobre têm sempre lugar de reserva para quem chegar.

OS PROFETAS

E A EXPERIÊNCIA DE DEUS

O homem pode perceber o testemunho da misteriosa presença de Deus que cria, sustenta e governa o universo.

Pe. Ivo Storniolo, SSP

São Paulo, SP

O comportamento dos profetas nos deixa perplexos. Como é que esses homens têm a coragem de falar aos seus ouvintes, pontilhando suas palavras com expressões ousadas, como "assim diz Iahweh", "oráculo de Iahweh"? Não bastasse isso, atrevem-se a expressar a vontade de Iahweh, usando autoritariamente o imperativo, tempo verbal que urge imediatas e graves tomadas de posição. Que certeza lhes permite apresentar-se como porta-vozes da divindade, como articuladores da fala inefável do único Deus vivo? Que experiência básica pode justificar um comportamento tão ousado?

O Antigo Testamento nos fornece numerosos exemplos daquilo que se costuma chamar de **relato de vocação**: na vida de grandes personagens vamos encontrar um relato bastante estereotipado que define a missão de uma pessoa como intér-

prete e porta-voz de Iahweh. É o caso, por exemplo, de Moisés (Ex 3), Gedeão (Jz 6), Samuel (1 Sm 3), Amós (Am 7,14s), Isaías (Is 6,1-13), Jeremias (Jr 1,4-10), Ezequiel (Ez 1-2). Embora esses relatos possam ter na sua base uma experiência pessoal, levemos em conta que eles não são exatamente textos autobiográficos. São muito mais uma interpretação global da atividade de determinadas pessoas, uma reflexão sobre sua missão cumprida. Poder-se-ia dizer que tais relatos são uma espécie de resposta à pergunta que é feita tanto outrora como hoje: o que levou esta pessoa a falar e a agir deste modo?

A nós interessa agora compreender a experiência básica que explica o comportamento ousado de um profeta. Para isso vamos analisar o relato da vocação de Isaías (Is 6,1-13), um dos mais belos e profundos de todo o Antigo Testamento.

I. A VOCAÇÃO DE ISAIÁS

Is 6,1-13 faz parte do conjunto formado por Is 6-12, que se costuma chamar de **Livro do Emanuel**,

por causa de 7,14. Is 6,1-13 é uma introdução e o hino de Is 12 é uma conclusão desse livrinho. É como

parte de todo esse conjunto que se pode avaliar melhor o relato da vocação de Isaías.

O cenário de fundo do Livro do Emanuel é a guerra siro-efraimita. Essa guerra desencadeou-se logo que o rei Acaz subiu ao trono de Judá (736 a.C.). Os reinos de Aram (Síria) e de Israel (Efraim), junto com outros reinos menores, organizam uma liga contra a Assíria, a grande potência da qual são vassalos e à qual pagam tributo. Acaz, como seu antecessor Joatão, é convidado a participar da liga, mas recusa. Em vista disso, os reis de Aram e de Israel se voltam contra Acaz, prontos para depô-lo e colocar em seu lugar o filho do rei de Tiro. Acaz apela então para uma aliança com o rei da Assíria (2 Rs 16,7). Esta invade a região, desbarata a liga, subjuga os reinos que haviam se insurgido, e transforma Judá num reino vassalo, que é obrigado a pagar-lhe tributo (2 Rs 16,9-20). É dentro desse tempo turbulento que se localizam os mais célebres oráculos messiânicos de Isaías, e é nesse quadro de acontecimentos internacionais que devemos compreender o relato de sua vocação.

1. Visão de Iahweh (6,1-4)

Isaías se encontra no Templo, “no ano da morte do rei Ozias”, isto é, 740 a.C. Esse pormenor sugere que a experiência da vocação do profeta não veio de sua meditação ou decisão: Deus o chamou num lugar e momento precisos, para dar-lhe uma missão histórica bem determinada.

A visão é descrita com excepcional brevidade. Isaías vê **Iahweh sentado no trono**, isto é, como Rei em pleno exercício de sua função que, no antigo Israel, é dupla: governar e julgar. Salienta ainda que o trono é **alto e elevado**, sugerindo assim uma realeza que é transcendente e está acima do poder de qualquer autoridade política e judicial terrena. Do que podemos concluir: Isaías vê o Senhor supremo da história, aquele que dirige todos os acontecimentos e é juiz de todos os conflitos. Isso, frente à notícia de que a visão se deu no ano da morte de um rei, soa já como crítica: o verdadeiro e supremo rei é Iahweh, e sua ação é diretiva e crítica frente às autoridades terrestres.

Notemos, porém, que Isaías não vê a figura toda de Iahweh, mas apenas a **orla ou barra do seu manto, que enche o santuário**. Mais do que a Iahweh, portanto, ele vê apenas um pormenor que lhe dá a percepção de sua presença transcendente: o escabelo ou estrado do seu trono real. No contexto, esse estrado é o Templo de Jerusalém ou, talvez, a terra inteira. Templo e terra são lugares em que a presença de Iahweh se manifesta, mas não são capazes de conter toda a transcendência de sua presença, pois a moradia permanente do Deus vivo é o céu (Sl 11,4; 115,3.16).

Iahweh não está só, mas rodeado pelos **serafins** que, de pé, formam sua corte celeste, assim como os ministros formam a corte dos reis e políticos terrestres. Quem e como são eles? Difícil dizer. Seu nome significa **seres ardentes** ou **brilhantes**, e talvez se pareçam com os querubins

de Ezequiel (Ez 1,55ss; 9,3; 10, 4-22). São seres celestes com o aspecto de luz, que o homem experimenta mas não é capaz de descrever. Suas seis asas são usadas de modo muito significativo: com duas cobrem a **face** (= nem mesmo esses ministros de Deus podem ver a face da divindade); com duas cobrem o **sexo** (pés é um eufemismo para sexo: eles estão nus, mas cobrem o sexo porque este é visto como fonte de pecado e culpa); com duas **voam** (= estão sempre a postos para realizar imediatamente tudo o que Iahweh decreta). Isaías não determina o número dos serafins; talvez se trate de dois grupos, um à direita e outro à esquerda da divindade (cf. 1 Rs 22,19).

Nesse momento, além de ver, Isaías **ouve** o canto dos serafins, que se torna uma espécie de interpretação da cena. Em coro alternado eles cantam o louvor de Iahweh. A primeira parte do canto salienta o **ser íntimo e inconcebível da divindade**. A tríplice menção de "santo" equivale em hebraico a um superlativo — o mais santo dos santos —, indicando que só Iahweh é santo e fonte de toda santidade. Esse atributo de uma santidade que o homem não é capaz de conceber e nem sequer de imaginar é o que expressa a transcendência absoluta do ser de Deus, que se apresenta ao homem como fascinante e terrível: o Deus vivo é o totalmente Outro, e o homem só pode atingi-lo através da graça, sendo que esta não pode ser forçada ou merecida, mas é dom gratuito. Assim, dizer que Deus é santíssimo é o mesmo que dizer que ele está acima de qualquer controle

humano e pode estabelecer seu governo e julgamento sobre o mundo inteiro. Outro aspecto da transcendência absoluta é apresentado pelo título "Iahweh dos Exércitos". O que são esses **Exércitos**? Alguns pensam nas estrelas do céu, que os antigos concebiam como seres animados; outros pensam nos exércitos de espíritos ou anjos; outros nos exércitos de Israel; outros ainda nos deuses das nações, vencidos por Iahweh e reduzidos ao estado de simples servos. Essas hipóteses, na verdade, não se excluem, mas se complementam. Assim, "Iahweh dos Exércitos" significaria, propriamente, que Iahweh é o supremo Senhor (Sl 136,2-3) ou, em outras palavras, que seu ser está acima de tudo o que o homem possa conceber ou imaginar.

Os serafins continuam: "Sua glória enche toda a terra". Esta segunda parte proclama a glória ou honra de Iahweh, isto é o **poder com que ele se manifesta e age em todo o universo**. Embora não possa atingir e compreender o mais íntimo ser de Iahweh, o homem pode perceber no dia-a-dia o testemunho da sua misteriosa presença que cria, sustenta e governa o universo (Sl 19,1-5). E isso deve ser entendido não só em termos de espaço — criação —, mas de história: Iahweh é o supremo Senhor que dirige a dialética da história, encaminhando-a no sentido da liberdade e da vida. Em resumo, o canto dos serafins é uma proclamação do mistério do ser e da ação de Iahweh, expressando que "a santidade de Deus é a sua glória escondida e velada... enquanto que sua glória é a sua santidade revelada" (Herntrich).

Ao ouvir o canto dos serafins, Isaías tem outras percepções: os batentes das portas do Templo estremeçam, e o Templo se enche de fumaça. São elementos comuns nas grandes manifestações de Iahweh (Ex 13,21; 19,16; 40,34s; 1 Rs 8, 10ss; Sl 18,8; Is 4,5). A revelação da santidade misteriosa do ser de Iahweh, bem como da sua glória que pervade o mundo, provoca uma resposta cósmica: um terremoto faz tremer o Templo, e nuvens de fumaça velam e revelam ao mesmo tempo o mistério, que é, ao mesmo tempo, celeste e terrestre, a realidade que preside a tudo o que é visível e invisível: Iahweh, o transcendente e santíssimo, Rei do universo e da história.

Agora atrevemo-nos a perguntar: o que foi que Isaías viu e ouviu **em concreto**? Seguindo as indicações do próprio texto, veremos que a configuração do Templo e das cerimônias que aí se realizavam mostram que sua experiência repousa naquilo que qualquer presente podia ver e ouvir. Assim, o **santuário** (hêkal) em que Isaías se encontra, era a sala que precedia o **debir** ou "Santo dos Santos" (1Rs 6,17). O santuário era ornamentado de **querubins dourados**, palmeiras e rosáceas, e nela se encontrava o altar dos perfumes ou do incenso (1Rs 6,20-35). Na sala imediatamente contígua, o "Santo dos Santos", havia uma escadaria que terminava numa plataforma em que, encimada por dois **querubins**, estava a **Arca da Aliança**, cuja base era visível para quem se encontrava no santuário (1Rs 8,6-8). Isaías **via**, portanto, algo muito concreto. E o canto que ele **ouviu**? Se

compararmos o texto da vocação com o Salmo 99 (98 na Vulgata), ficaremos admirados com tantos paralelos. Tudo isso nos permite lançar a hipótese de que Isaías teve a **percepção de Iahweh** no decorrer de uma cerimônia no Templo, talvez numa festa que celebrava a realeza de Iahweh, onde se oferecia incenso no santuário e se cantava o Salmo 99! Isso não rebaixa em nada a realidade de sua experiência. Pelo contrário, levanta uma outra questão: como é que Isaías, através do visual e do auditivo imediato, chegou a uma percepção da santidade e da glória de Iahweh, enquanto que os outros, aí presentes, talvez nada tenham percebido? Também nós, em todas as celebrações eucarísticas, ouvimos e repetimos o canto dos serafins: "Santo, santo, santo..." E daí? Se quer prestamos atenção ao que as palavras significam?

2. Visão de si mesmo (6,5)

Isaías reage imediatamente diante do que ele **vê-ouve-percebe**. Se o encontro com uma outra pessoa já nos leva à consciência daquilo que somos, a percepção do Deus Absoluto, na sua santidade inconcebível e na sua glória inabarcável, leva o homem a uma percepção radical do que ele é em si mesmo: relatividade, limitação e pecado.

Isaías partilha da concepção do seu tempo, segundo a qual é impossível a um homem ver a Deus e continuar vivo (Ex 33,20ss; Gn 32,31; Jz 6,22s; 13,22). Frente a Deus o ego humano se estilhaça num momento de consciência e, não escapa do resistir, morre. Isaías não escapa a essa visão ancestral, mas dá-lhe

uma significação moral: **sou pecador!** E, pormenor interessante, Isaías não só se reconhece pecador mas, ao mesmo tempo, descobre-se solidário de um povo pecador. Em hebraico a palavra pecador significa aquele que **errou o alvo**. Assim, a percepção do absoluto de Deus questiona e relativiza todos os conceitos e projetos humanos que erraram o verdadeiro alvo, apontado pelo canto dos serafins: louvar a santidade e a glória de Deus. É por isso que Isaías sente o pecado justamente nos **lábios**, a ponto de exclamar que está **reduzido ao silêncio** (o hebraico também permite a tradução **estou perdido**, mais comum em nossas bíblias). Isso significa duas coisas, possíveis e complementares em nosso texto: Isaías não pode unir-se ao canto dos serafins, que proclamam a santidade (ser) e a glória (ação) de Iahweh (cf. Sl 99) e, ao mesmo tempo, não pode proclamar essa glória e santidade aos homens, o que será justamente o cerne da sua atividade profética. Em outras palavras, Isaías reconhece-se como alguém que não tem moral para louvar e proclamar o Senhor Rei do universo e da história. Assim, por trás do silêncio a que está reduzido, Isaías na verdade confessa a distância que existe entre o Deus vivo e o Homem. Quem poderá destruir essa distância?

3. Purificação (6,6-7)

Subentende-se que o serafim obedece a uma ordem de Iahweh, ou seja, que ele realiza a ação do próprio Iahweh. Cabe a Deus transpor as distâncias que o separam do Homem. O fogo é considerado um elemento

purificador (Nm 31,22s; Sl 17,3; Jr 6,29), mais ainda o fogo sagrado do altar, que tem o poder de expiar e purificar o pecado (Nm 17, 1-3), além de, com a fumaça do incenso, proteger os sacerdotes do perigo de estarem muito próximos da presença de Deus (Lv 16,12s).

A ação é interpretada e ganha efeito pela declaração do serafim: "tua iniquidade foi removida, teu pecado foi coberto". **Iniquidade e pecado** têm o mesmo sentido: são as idéias teóricas e os projetos práticos que afastam o homem de Deus, levando-o a perseguir um alvo errado para a sua vida. Como criatura, o homem deve confiar unicamente na presença e ação de Deus, e servir exclusivamente à sua vontade. Tudo o que se afasta disso é iniquidade e pecado; não há uma posição intermediária ou neutra. O serafim diz: "teu pecado foi coberto": quando o homem cobre, isto é, esconde o próprio pecado, ele fica preso ao tormento da culpa (Sl 32,3-5; Is 22,14; Jr 18,23); contudo, quando é Deus que cobre o pecado, este fica perdoado, libertando o homem para uma nova relação com Deus e com a vida (Sl 32,1-2.7).

Liberto do seu ego pecaminoso, Isaías está vazio de suas idéias, projetos e ambições pessoais. Agora ele está pronto para ouvir a voz de Iahweh e, com os lábios purificados, anunciar corretamente, exercendo a sua função profética.

4. Missão (6,8-10)

A palavra de Iahweh, porém, não traz uma revelação particular para o profeta. Pelo contrário, Deus tem em mente a missão de um mensa-

geiro em benefício do seu povo: “Quem hei de enviar? Quem irá por nós?” Deus fala no plural, pois trata-se de uma deliberação da corte celestrial (Jó 1,6). Também fala de modo impessoal — “quem?” —, ou seja, sua vontade e palavra se dirigem continuamente a todos, mas só aquele que está liberto da iniquidade e do pecado — as idéias e projetos que afastam o homem de Deus — está pronto para ouvir e responder. E é por isso que Isaías se apresenta sem hesitar: como pecador perdoado ele não pode se furtar ao chamado de Deus, que é uma graça não merecida à qual ele deve se entregar por toda a vida. Ninguém pode pretender uma atividade profética: o homem só pode apresentar-se e oferecer-se; cabe a Deus confiar-lhe a missão.

O diálogo é breve. Apenas Isaías se apresenta, Deus já o envia para a **missão**: “Vai e dize a esse povo”. Note-se que o povo não é chamado aqui de **meu povo**, a expressão costumeira da aliança, e sim de **esse povo**, sugerindo a distância em que o povo se encontra do seu aliado.

Qual será a missão? Os vv. 8-10 propriamente não apontam o que Isaías deverá dizer, mas o **efeito** que sua missão irá provocar. Através do profeta Deus revelará seu projeto de forma audível (ouvidos) e visível (olhos), mas o povo não estará aberto para ouvir e ver e, portanto, nada entenderá ou compreenderá; não compreendendo, também não tomará posição, não se converterá e não será salvo. Há um evidente contraste entre a atitude do povo e a atitude do profeta, que viu a Iahweh e

reconheceu seu pecado, foi purificado e ouviu a palavra de Deus.

O texto é muito rico. Notemos a seqüência: **coração-ouvidos-olhos-olhos-ouvidos-coração**, os contrastes **ouvir-não entender, ver-não compreender**, e os imperativos **embota** (literalmente **engorda**)-**torna pesado-tapa**. Todo esse vocabulário é sapiencial. Para entendermos o que o texto quer dizer, precisamos levar em conta que, na antropologia veterotestamentária, o **coração** é o órgão da percepção, a sede do conhecimento, da memória, da consciência e, por conseguinte, dos desejos e projetos humanos. O coração capta a realidade exterior (= bate mais depressa ou mais devagar) através dos sentidos, principalmente a visão e a audição; depois ele armazena e coordena os dados, a fim de emitir conceitos, idéias e projetos. Contudo, se o coração fica coberto por uma capa de **gordura**, ele se torna endurecido, isto é, insensível aos estímulos da realidade externa. Curiosamente, a gordura é sempre associada à **prosperidade e riqueza**, que levam o homem a “elevar o seu coração”, isto é, a tornar-se auto-suficiente, fechado em si mesmo, tanto para Deus como para os irmãos (Sl 17,10; 73,3-12; 119,69s; Dt 8,7-20).

O que vai acontecer com a missão de Isaías? Ele vai anunciar a vontade de Iahweh, mas os ouvintes não aceitarão, pois ficarão fechados na sua **visão humana**. Em outras palavras, ficarão endurecidos e insensíveis, apegados ao seu modo absolutizado e auto-suficiente de ver a realidade, à **ideologia** que fundamenta um comportamento individual e coletivo em todos os níveis da vida so-

cial, influenciando principalmente o mundo político e econômico. Dizíamos antes que o vocabulário é todo **sapiencial**. Ora, esse vocabulário já nos diz **quem** será mais atingido pela missão do profeta: os **escribas** ou **sábios**. Estes eram uma elite de intelectuais e formavam uma verdadeira corporação ou escola que, de um lado, assessorava o rei em assuntos políticos (eram os "conselheiros diplomáticos", ou, como se diz em Pr 25,1, "os homens do rei") e, de outro lado, organizava o conhecimento humano, dando forma à experiência do povo (é o que encontramos hoje nos assim chamados **livros sapienciais**). Os escribas ou sábios eram, portanto, os donos da **ideologia**, a superestrutura de idéias que dá consistência e justificação a um determinado sistema de sociedade. E a missão do profeta? É justamente **quebrar essa ideologia dominante**, colocando-a em confronto com o projeto de Iahweh, a fim de produzir uma tomada de posição nova, uma **conversão ideológica** que leva a um comportamento social novo e salvador, em todos os níveis: político, econômico e social.

O resto do livro de Isaías mostrará o profeta envolvido numa verdadeira luta com o rei e os sábios conselheiros que o assessoravam na tarefa de conduzir a política, o que era considerado uma sabedoria régia, uma espécie de participação na própria sabedoria divina (1Rs 3; Is 9,5; 11,2). No tempo de Isaías a sabedoria política devia equilibrar-se entre as forças internacionais, jogando entre a Assíria, a grande potência da época, e outros Estados que tentavam se libertar da sua dominação,

principalmente o Egito. Entre os sábios conselheiros havia tendências pró-assírias, pró-egípcias e pró-outros Estados. Em cada circunstância era preciso definir qual tendência coincidia com a sabedoria de Deus. E aqui entra a tarefa do profeta. Isaías entra em cheio nos conflitos: como portador pessoal da sabedoria divina (Is, 5,18s) ele critica tanto a sabedoria diplomática do rei e dos sábios de Judá (5,12; 22,8-11; 29,15-16; 30,1-5), como a sabedoria do Egito (Is 19), da Assíria (10,5-15; 14,24-27) e de outras nações. Qual a convicção que move o profeta? É a de que **Iahweh é o único sábio** (28,23-29; 31,2); só ele tem um conselho válido e pode realmente ajudar na hora difícil (28,29).

Resta, contudo, um problema: é Deus quem vai endurecer os ouvintes? Lembramo-nos imediatamente do livro do Êxodo, onde alguns textos dizem que Deus endurece o coração do Faraó (Ex 4,21; 7,3 etc.), enquanto que outros dizem que o Faraó endureceu-se a si mesmo (Ex 7,1.3-4.22; 8,15 etc.). Ora, tanto em Isaías como no Êxodo, Deus e o Homem são, por razões diversas, os responsáveis pelo endurecimento: Deus o **provoca** enquanto, através do profeta, revela o seu projeto; o Homem o **efetiva** enquanto rejeita o projeto de Deus e se enrijece, preferindo o projeto humano. Se é assim, para que então profetizar? Para testemunhar a justiça de Deus, que quer salvar o Homem e, para isso, começa desvelando o seu pecado, a fim de que o Homem se converta e viva (cf. Ez 18,23.32). Essa visão do endurecimento está bem presente no Novo Testamento (Mt 13,

13,17; At 28,25ss; Jo 12,39s). De resto, a maior prova da autenticidade de um profeta é justamente o endurecimento e a rejeição por parte dos seus ouvintes.

Quer dizer que a missão profética é inútil? Não. Os livros proféticos mostram abundantemente que os destinatários não se convertem quando ouvem a palavra do profeta. O que produz conversão é o **sofrimento** que os atinge por não ter dado ouvidos às advertências que o profeta havia feito. Em meio ao sofrimento os destinatários se **lembram** do que o profeta havia dito, tomam consciência de seu pecado — o alvo errado de sua vida — e **voltam-se** de novo para Iahweh (cf. Jr 24,4-7; Zc 1,6; Dt 4,25-31; 29,21-27; 30,1-10; 1Rs 8,46-51).

5. Intercessão e catástrofe (6,11)

A pergunta do profeta — “até quando, Senhor?” — é uma fórmula típica da súplica (cf. Sl 13,2s; 74,10; 19,5 etc.). Frente ao efeito terrível que sua atividade vai provocar, o profeta quer saber a **duração**, tanto da sua atividade como do efeito que ela provocará. No fundo sofre por si mesmo e pelo povo, e suplica por piedade. Em obediência a Deus ele anunciará o julgamento, mas nem por isso ele deixa de se solidarizar com seu povo. Essa intercessão era também uma das funções do rei, considerado mediador entre Deus e o povo (cf. 1Rs 8). Mais uma crítica à política: frente à insensatez da autoridade, o profeta deve ocupar o lugar do rei, intercedendo junto a Deus pelo povo.

A resposta de Deus, porém, é uma negativa. **até que tudo fique destruí-**

do. O povo se comporta como ateu, e por isso Deus se distanciará ainda mais. No plano histórico concreto isso significa a ruína: cidades e casas serão destruídas, ficando vazias e sem moradores; os campos serão devastados e ficarão como um deserto. Em poucos traços, o que se descreve aqui é o horror de uma invasão estrangeira, seguida pela derrota nacional. É isso que o profeta deverá anunciar, mostrando que o descaso pelo projeto de Deus acabará acarretando a ruína dos projetos humanos.

Nenhuma saída? Haveria. E aqui é importante notar o contraste entre 6,14 e 6,11: enquanto a orla do manto de Deus e a fumaça **enchem** o Templo e sua glória **enche** a terra, as cidades e casas serão destruídas e ficarão **vazias**, os campos serão devastados e ficarão **desertos**... Entre uma e outra coisa houve a conversão e a missão de Isaías. Para o povo também haveria uma saída, **desde que** se convertesse, deixando sua ideologia auto-suficiente para ouvir e aprender da sabedoria de Iahweh. Mas, como isso não acontece, virá a catástrofe.

6. Acréscimo (6,12-13)

O v.11 era a conclusão original do relato. Vários indícios permitem dizer que os vv. 12-13 são um acréscimo posterior: o metro desses versos é diferente, Deus já não é o sujeito e sim o objeto da locução, o conteúdo é diverso. Trata-se provavelmente de um acréscimo feito pelo próprio Isaías ou por um discípulo seu, em vista de sua atividade durante a guerra siro-efraimita. Qual o propósito do acréscimo? Certamen-

te o de trazer uma **nota de esperança**: tudo será destruído por uma série de invasões, e da grande árvore abatida só restará um **toco**, mas “esse toco será uma **semente santa**”.

Através da imagem sugestiva de um toco que se torna semente, prevê-se, portanto, para além de um futuro catastrófico, um **novo início**: o resto que sobreviver às invasões será a semente que dará origem a um povo **santo**, consagrado a Iahweh. O julgamento não é o fim da história de Deus com o seu povo, pois Deus continua fiel às promessas feitas.

Todavia, quem é esse toco que brota, transformando-se em semente santa? Muitos pensam no povo. Outros, com maior razão, pensam na **dinastia davídica**, a quem Iahweh havia prometido continuidade perpétua (2Sm 7). Examinando-se a imagem do toco que brota novamente (a mesma imagem reaparece em 11,1), podemos ver aqui disfarçada a figura de um cetro real egípcio — o **djed** — que simboliza a permanência da dinastia real: ele possui a forma de um tronco que, depois de cortado (morte de um Faraó), brota novamente (continuação da dinastia através de um novo Faraó, filho do Faraó morto). Assim o cetro **djed** tem a forma de um tronco ou toco marcado por sucessivos brotos. Se aceitarmos essa hipótese, a **semente santa** será um novo rei de Judá, sucessor do atual. Quem é ele? **O Livro do Emanuel** fornece a resposta.

Em 7,10-17 um sinal é dado ao rei Acaz: “Eis que a jovem concebeu e dará à luz um filho, e por-lhe-á o nome de Emanuel” (v. 14). Ora,

quem é essa **jovem** e quem é o **Emanuel**? A jovem é a esposa do rei Acaz que, no momento em que Isaías fala, já se encontra grávida. Ezequias, o filho que será dado à luz, recebe um nome altamente significativo, pois Emanuel quer dizer “Deus está conosco”. Em outras palavras, Deus não vai abandonar seu povo; pelo contrário, continuará fiel à promessa feita a Davi (2Sm 7). Mais à frente, o oráculo de 8,23b — 9,6 assegura para o rei Ezequias um reinado próspero e pacífico, fundado no direito e na justiça, sinais da presença de Iahweh.

Visto nessa perspectiva, o acréscimo dos vv. 12-13 enfeixa perfeitamente com 6,1: o relato começa falando da “morte do rei Ozias” e termina com o aceno de esperança no reinado de Ezequias, filho de Acaz. Tudo isso soa como crítica ao rei Joatão (740-736), que sucedeu ao rei Ozias, e principalmente ao rei Acaz (736-716), em cujo reinado desencadeou-se a guerra siro-efraimita. Diante da política desses dois reis, Isaías tem que exercer uma atividade “em lugar do rei” e em benefício do povo. E as perspectivas catastróficas de 6,11-13? Após várias incursões na Palestina, 722 a.C. a Assíria toma finalmente o Reino do Norte (Israel ou Efraim) e reduz o Reino do Sul (Judá) a um Estado vassalo, com pesados tributos. E nesse momento todos puderam reconhecer que Isaías estava realmente com a razão... Ele dizia que a aliança com os grandes podia levar o pequeno à ruína. E levou mesmo. Com Ezequias, porém, haverá uma nova tentativa de sacudir a dominação da Assíria.

II. DE ISAIAS AOS CRISTÃOS DE HOJE

A análise do relato da vocação de Isaías deixa-nos com uma pergunta: podem os cristãos de hoje ser chamados à vocação profética? A resposta não é só afirmativa, mas também injuntiva: os cristãos **devem** ser profetas. Com efeito, a vocação profética nasce da percepção da presença e da ação de Deus, e ninguém, mais do que os cristãos, pode ter essa experiência.

O Deus que Isaías entreviu através de uma cortina de fumaça revelou-se inteiramente em Jesus de Nazaré (Jo 14,9; Cl 1,15; Hb 1,1-4). Para nós Jesus é a manifestação total do ser e do projeto de Deus: o amor que leva à libertação e à vida (Jo 3,16s). Ninguém viu a Deus, mas Jesus o revelou inteiramente (Jo 1,18). Assim, para nós o **ver a Deus** não significa buscar uma experiência mística ou esotérica, mas uma experiência prática e histórica: **ver a Jesus**, examinando sua **pessoa** e compreendendo sua **ação**, a fim de continuar a sua **presença** e **atividade** no mundo. Na vida histórica de Jesus está toda a palavra que Deus dirige aos homens, criticando todas as estruturas e instituições que, ao invés de servir, impedem que os homens cheguem à liberdade e à vida.

E a nossa vocação profética? Nós a recebemos no batismo, quando fomos inseridos na família de Deus como irmãos de Jesus, enviados aos homens como o próprio Jesus (Jo 20,21-23). Porém, como vamos desenvolver a nossa missão profética? Ninguém compreendeu e falou disso melhor do que João. No Apocalipse

ele nos chama a atenção para todos os passos que devemos dar.

1. Ver a Jesus (Ap 1)

Todo esse capítulo está polarizado na figura de Jesus. Ele é apresentado com uma série de símbolos para mostrar que, doravante, todas as mediações humanas estão resumidas na sua pessoa. Em outras palavras, Jesus é a suprema e única autoridade sobre os seus seguidores, e é ele quem lhes confere a missão profética (cf. 1,19).

2. Converter-se a Jesus (Ap 2-3)

Antes da missão vem a conversão. Converter-se, porém, não significa buscar uma experiência interior, mas uma experiência histórica: deixar-se penetrar pela palavra e ação de Jesus, que apontam o pecado para produzir uma **conversão histórica e social** voltada para a libertação e a vida concreta. E isso é feito no clima de Igreja, de comunidades cristãs que revêem continuamente sua presença e ação no mundo à luz do testemunho de Jesus. É no clima dessa revisão e conversão **contínua** que os cristãos ficam preparados para ouvir o que o Espírito lhes manda testemunhar na história (2,7.11.17.29; 3,6.13.22).

3. Compreender a história à luz da fé (Ap 4-9)

O cristão não vive no ar, mas no espaço e no tempo, ou seja, no mundo e na história. Por isso é preciso olhar para o mundo e a história, pro-

curando compreender o que se passa na superfície e no fundo dos acontecimentos. Em outras palavras, **análise da realidade**, compreendendo os projetos humanos, que se desenrolam na superfície, e o projeto de Deus, que se desenrola no fundo da história. Compreender também a distância que existe entre o projeto de Deus e o projeto dos homens. E, ao constatar a distância, o que fazer?

4. Profetizar o Evangelho na cidade (Ap 10-11)

Ap 10 nos mostra concretamente o que fazer: como na vocação de Ezequiel (Ez 1 — 2, primeiro **engolir o Evangelho** (o livrinho aberto nas mãos do anjo), a fim de assimilá-lo em profundidade. O Evangelho é **doce**, porque anuncia a libertação e a vida; mas também é **amargo**, porque provoca conflitos e perseguições. E o que fazer com o Evangelho? Anunciá-lo ou, como o texto diz, **profetizá-lo** “contra muitos povos, nações, línguas e reis” (10,11), como o profeta Jeremias (Jr 1,4-10). Onde se reúne todo esse auditório? Na cidade, onde todos se reúnem, formando um sistema de sociedade. É nesse clima da cidade que o Evangelho deverá ser profetizado (Ap 11). A profecia do Evangelho é, portanto, uma tarefa eminentemente **política** (de **pólis** = cidade, em grego): anunciar pela palavra e pelo testemunho toda a crítica que o Evangelho faz de uma estrutura social que, em vez de libertar e dar vida, escraviza e reduz o povo à miséria. E o que acontece? A cidade não aceita os profetas do Evangelho e os mata. Mas Deus ressuscita os profetas de Jesus, da mesma forma que ressus-

citou Jesus. E o resultado da profecia é a vinda do Reino de Deus e de Jesus (Ap 11,15), que significa socialmente um triunfo da fraternidade sobre o poder e da partilha igualitária sobre a acumulação da riqueza, ou, em outras palavras, liberdade e vida **para todos**.

5. Conseqüência: conflito (Ap 12-20)

A profecia do Evangelho abre um imenso leque de conflitos com as estruturas econômicas (posse), políticas (poder) e ideológicas (sistema de idéias que cimentam e justificam todo o sistema social determinado pela economia e política). Não se trata de uma luta entre indivíduos ou entre grupos, mas entre o projeto de Deus, realizado em Jesus, e o projeto dos homens. Quem sairá vitorioso?

6. Resultado: a utopia do Reino (Ap 21-22)

Os capítulos finais do Apocalipse descrevem a utopia perseguida pelos seguidores de Jesus, o novo e definitivo povo de Deus: uma cidade sem mediações políticas, econômicas e ideológicas. Em outras palavras, uma cidade em que a comunhão com a Trindade é tal, que tudo o que discrimina e separa os homens é superado. Esta cidade é uma grande praça onde todos podem se comunicar fraternalmente e repartir igualitariamente os frutos da árvore da vida.

Todavia, quando se concretizará essa cidade do Reino? Quando a Babilônia de nossas cidades se transfor-

mará na Jerusalém celeste? No fim da história? Completamente, sim. Mas ela já vai se esboçando pouco a pouco em todos os momentos da história, à medida que a verdade do projeto de Deus — liberdade e vida **para todos** — vai triunfando sobre a mentira do projeto dos homens — liberdade e vida **só para um gru-**

po de privilegiados. Onde quer que se realize um passo concreto em direção à liberdade para todos e a partilha igualitária entre todos, aí estará chegando o clima dessa nova e definitiva cidade, de Deus e dos homens. E o vitorioso será sempre Deus, junto com todos os seus aliados.

CONCLUINDO

O primeiro passo para a atividade profética é, portanto, a experiência de Deus. Em nosso caso, a experiência de Jesus Cristo, o supremo revelador do Pai. Nessa experiência básica está o germe do testemunho profético diante do mundo e da história, contra todas as estruturas humanas que impedem a consecução do projeto de Deus. E, para esse testemunho profético, todos nós, cris-

tãos, somos chamados. Resta-nos ouvir, dentro de nós e de nossas comunidades, aquilo que Isaías ouviu: “Quem hei de enviar? Quem irá por nós?” E, como Isaías, responder: “Eis-nos aqui, envia-nos a nós!” Através de Jesus, Deus estende a todos o seu projeto de vida e liberdade. Cabe a nós assiná-lo e promulgá-lo na história entregando-nos inteiramente ao seu anúncio e realização.

Antropologia veterotestamentária

O **coração** é o órgão da percepção, a sede do conhecimento, da memória, da consciência e, por conseguinte, dos desejos e projetos humanos. O coração capta a realidade exterior através dos sentidos. Armazena e coordena os dados para emitir conceitos. **Gordura** é sempre associada à prosperidade e à riqueza que leva o homem a “elevar o coração”, isto é, tornar-se auto-suficiente, fechado em si mesmo, tanto para Deus quanto para os irmãos.

VIDA RELIGIOSA: RELAÇÃO COM O MUNDO E DIMENSÃO PROFÉTICA

*A Vida Religiosa é uma voz profética que lembra:
a Igreja é a comunidade dos que
crêem em Jesus e se deixam conduzir pelo seu Espírito.*

Ir. Silvia Vallejo, ODN

Falar da dimensão profética da Vida Religiosa, é um tanto arriscado e difícil. É um termo que começa a se recuperar na Igreja, e que, paulatinamente, volta a aplicar-se à Vida Religiosa, ainda que sempre com cautela, dada a ambigüidade que encerra, e o perigo de manipulação que daí deriva.

Não é este o momento para deter-me a explicitar com detalhes como e quando se começou a usar o termo profético aplicado à Vida Religiosa através da história; simplesmente constato como, a partir do Concílio, alguns documentos importantes do Magistério utilizam e explicitam seu significado. Tais são por exemplo os documentos do Episcopado Latino-Americano em Medellín e Puebla (cfr. Med. 12,2-3, DP. 723 e 7744), e o recente documento da SCRIS, "Religiosos e

Promoção Humana". (Cfr. PPH Introd. 2-4,24 e 27).

Tentativa de clarificação do termo

Uma coisa ficou clara à medida que se aprofunda o tema à luz da doutrina da Igreja. É a expressa relação que existe entre a dimensão profética e outras dimensões essenciais da Vida Religiosa, como:

* seu valor de testemunho existencial, através de uma forma de vida que quer ser radicalmente evangélica no seguimento de Jesus;

* seu valor de sinal escatológico, em virtude da forma que toma seu projeto de vida marcado pela profissão dos conselhos evangélicos e definitivamente orientado na perspectiva do Reino. Diríamos que a Vida Religiosa, inserida por sua própria natureza no mundo, e chamada a recordar, mediante seu ser e seu fazer, o lugar e as exigências de Deus e de seu Reino no coração do des-

*Tradução do original in
BOLETIM DA CLAR, Ano
XXI, n.º 11
novembro de 1983, p.3-14.*

tino humano; ou, dito com palavras do Concílio, está chamada a dar, "por seu estilo de vida, um preclaro e exímio testemunho de que o mundo não pode ser transfigurado nem oferecido a Deus sem o espírito das Bem-aventuranças" (Cfr LG. 31). Isto já é, em si, uma função. Compreendê-lo-emos melhor se tivermos presente que o profetismo, na história de Israel, foi a forma como Deus se revelava ao povo e lhe lembrava continuamente:

* a fidelidade à Aliança que dava sentido à sua história;

* as exigências dessa fidelidade como adesão a Deus, mediante uma fé que tinha que se traduzir em amor para o irmão;

* as promessas que iluminavam seu futuro, promessas messiânicas e escatológicas.

Esta função tem sido e ainda é fundamental na realização da missão da Igreja; por isso São Paulo nos diz "que os profetas são, junto com os apóstolos, o fundamento da Igreja cuja pedra angular é o Cristo Jesus, em quem eles mesmos encontram seu apoio e sua razão de ser. (Cfr. Ef 2,30; 3,5; Rom 16,25-26).

Com efeito, a missão profética de Jesus, como anúncio da chegada do

definitivo e como realização daquilo para o qual o Espírito desceu sobre Ele e o ungiu (Cfr. Lc. 4,18), é o fundamento da missão da Igreja; para ela se lança, impelida pelo mesmo Espírito de Jesus que a vivifica e a capacita com diversidade de dons e carismas (Cfr. LG 42, PC 1).

Isto nos leva a deixar claro, desde o começo, que o papel profético não é exclusivo da Vida Religiosa dentro da Igreja; a comunidade cristã é toda ela profética enquanto revela e presencializa o mistério de Deus em Cristo, mediante a ação do Espírito que infunde a fé e provoca a conversão; e esta vocação profética comum a todo o povo de Deus (LG 12), se exerce fundamentalmente através da nitidez e autenticidade com que cada um revela em sua vida, e de acordo com a vocação recebida, esse mistério e essa força do Espírito.

De acordo com isto, a missão profética da Vida Religiosa se realiza na medida em que os chamados a ela vivem as exigências de sua vocação ao seguimento radical de Cristo, e sua dedicação total e livre ao serviço do Reino com todas as suas implicações. Assim o demonstra, como veremos, a história da Vida Religiosa no decorrer dos séculos.

I — A MISSÃO PROFÉTICA NA IGREJA: MARCO HISTÓRICO E ECLESIAL

1. À luz da história bíblica do A.T. e N.T.

A dimensão profética, como chamado à fidelidade e como impulso

para a frente, para o definitivo, tem sido uma constante na história do Povo de Deus; constitui um dos modos pelos quais Deus se faz presente na história, através de seu Espí-

rito e a vai impelindo até sua plenitude.

O destino escatológico do Povo de Deus, sua condição peregrinante no meio de um mundo ambíguo que o incita constantemente a instalar-se ou a desviar-se de seu caminho, fazem com que precise desta ação do Espírito que vai norteando seu caminho e sustentando sua marcha.

Graças a essa ação de Deus em pessoas concretas, o antigo Povo de Israel foi avançando até à plenitude que havia de chegar em Jesus Cristo; eles, os homens e mulheres que amaram a Deus e a seu Povo, os homens e mulheres da fidelidade e da confiança, sustentaram a fé e a esperança do resto de Israel até o cumprimento da promessa.

— Com Jesus Cristo este movimento profético chega à sua plenitude e toma um novo impulso:

* Em Jesus de Nazaré se revela a totalidade da mensagem de Deus. Nele, o Deus que por muitos séculos antes havia falado pelos profetas, se revela de modo novo, em seu Filho, e faz encarnar-se tomando nossa condição, assumindo nossa história, caminhando conosco.

* Sua vida é a expressão mais plena do plano de Deus sobre o homem e sobre o mundo; proclama e vive a verdade que recebeu, com a segurança de quem se sente enviado e revestido do poder de Deus, porém ao mesmo tempo com a humildade e a paciência de quem sabe que não prega a si mesmo, nem busca sua glória, senão a glória Daquela que O enviou, e o bem daqueles pa-

ra quem é enviado. Nisto está a força de sua mensagem.

* Os que escutam sua voz e O seguem, recebem esta Palavra reveladora como germe do Reino prometido; uma palavra que entra no coração de um grupo de homens e mulheres como semente que tem de cair na obscuridade e morrer para abrir-se depois, com a força da vida que leva dentro de si. Essa palavra de Jesus, semeada no coração dos discípulos, necessitava passar pela experiência da Páscoa e receber o sopro do Espírito, para chegar a produzir o fruto que era chamada a dar (Cfr. LG 5).

* A morte e a ressurreição de Jesus, com efeito, confirmam a verdade de sua pregação, constituem a nova Páscoa que lança o Povo de Deus regenerado, para um futuro novo do qual já possui as primícias. O horizonte da história da humanidade torna-se assim nova e definitivamente iluminado; sua marcha possui desde então um novo ritmo, uma nova esperança, uma orientação certa.

* O acontecimento de Pentecostes revela Jesus como o Cristo em Quem se deu o último SIM de Deus a suas promessas, o SIM da vida para além da morte. Animados pelo Espírito derramado no coração de seus discípulos, estes começam a proclamá-lo como Senhor da história, como Aquele a quem nós devemos nos converter para encontrarmos a Verdade e o Caminho que conduz à Vida. Assim, a Ressurreição de Jesus Cristo e a comunicação

de seu Espírito se convertem no fundamento e no dinamismo da parusia que há de vir; a chave com a qual o novo Povo de Deus deverá continuar a interpretar sua história; esta é a base sobre a qual começa a surgir a Igreja, povo profético chamado a ser no mundo um sinal e sacramento da salvação (LG 1).

Doravante será o Espírito quem vai dirigir os passos da Igreja que nasce daquele pequeno núcleo dos doze, reconfortados em sua fé pela experiência do Ressuscitado, e impelidos de novo para a missão na manhã de Pentecostes; será também o Espírito quem vai provocar a conversão dos que progressivamente se incorporam à Igreja até a sua consumação final.

2. À luz da história da Vida Religiosa

A comunidade primitiva, seu nascimento, sua vida, continua sendo um ponto de referência comum na vida da Igreja, constitui como que sua "experiência fundacional" à qual sempre deverá voltar quem quiser renovar-se, em fidelidade ao que constitui o mais essencial de seu ser.

Com efeito, a comunidade primitiva recebe a mensagem profética do Senhor, trata de encarná-la em sua vida, e se constitui assim em sinal que atrai, que interroga, que convida outros a crescer e a conformar sua vida com a de Jesus em Quem a comunidade se inspira, a Quem segue e por Quem se sente convocada e enviada.

Essa comunidade, com sua marcada característica profético-escatológica, tem sido também a inspiração dos grandes movimentos de Vida Religiosa no decorrer da história; esses movimentos, que coincidem sempre com momentos críticos da vida da Igreja, aparecem como um chamado para retornar às fontes, à inspiração original do Evangelho tal como se encarnou na Igreja primitiva. São como uma voz profética que lembra, a toda a comunidade eclesial, que a Igreja, antes de ser uma sociedade institucionalizada, é a comunidade dos que crêem em Jesus e se deixam conduzir pelo Espírito que leva muitas vezes por caminhos que contradizem os do mundo.

Nessa tentativa de fidelidade ao seguimento de Jesus e à sua missão, traduzida em formas concretas de vida e de serviço, tem-se constituído o papel profético da Vida Religiosa na Igreja.

Esta missão, como já dissemos, é a que corresponde a todo o Povo de Deus, porém, como bem o diz o Documento de Puebla reunindo a doutrina do Concílio e da "Evangelii Nuntiandi", "a Vida Religiosa, enraizada desde o começo no coração do povo, é um dom que o Espírito concede sem cessar à Igreja como meio de evangelização eficaz... ela constitui uma afirmação profética do valor supremo da comunhão com Deus entre os homens, e um exímio testemunho de que o mundo não pode ser transfigurado, nem oferecido a Deus, sem o espírito das Bem-Aventuranças" (Cfr. DP 739, 742 e 744).

3. A luz da consciência que a Igreja tem hoje de sua missão

Antes de se considerar mais em detalhe o que implica a dimensão profética da Vida Religiosa hoje, é necessário olhar mais de perto como a Igreja concebe sua missão no mundo de hoje, e o que espera da Vida Religiosa na realização dessa missão.

A Igreja sabe que sua missão evangelizadora é antes de tudo uma proclamação vital do amor do Pai que se nos revelou em Jesus Cristo, em Quem nos escolheu para sermos filhos e irmãos; sabe, além disso, que este anúncio a compromete numa práxis transformadora que deve apontar as raízes mais profundas do ser humano e da sociedade, para reorientar seu caminho em direção a seu verdadeiro futuro, e é consciente de que esta missão necessita do testemunho de comunidades que encarnem a mensagem e se sintam por sua vez impelidas a comunicá-la.

Consciente destas exigências, a Igreja também se dá conta que para pregar ao homem de hoje, deve antes de tudo aproximar-se dele, sentir-se solidária de suas situações, participar de suas alegrias e esperanças, de suas angústias e lutas (Cfr. GS 2, EN 55). Sua Santidade João Paulo II o declarou abertamente em sua Encíclica programática; querendo despertar a consciência da responsabilidade da Igreja frente à sua missão evangelizadora, diz: "O homem é o caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento de sua missão; caminho traçado pelo pró-

prio Cristo e que inevitavelmente percorre através da encarnação e da redenção" (Cfr RH 14).

Esta dupla referência ao homem e a Jesus Cristo constitui a base mais fundamental da verdade sobre a Igreja que aí se joga a fidelidade ao próprio ser e missão.

E assim como a referência ao homem se faz vivendo em solidariedade com ele, assim a referência a Jesus Cristo se faz seguindo seu caminho; o conhecimento de Cristo não se dá somente através do estudo ou da teologia; dá-se sobretudo através do seguimento; seguindo-O descobrimos o que significam suas palavras, seus gestos, suas exigências; somente a partir desse conhecimento poderemos realmente continuar "sua missão", como se exprimiu claramente o Concílio na Declaração "Ad Gentes":

— "E como esta missão continua e desenvolve ao longo da história a missão do próprio Cristo, que foi enviado a evangelizar os pobres, a Igreja deve caminhar, por moção do Espírito Santo, pelo mesmo caminho do Cristo, isto é, pelo caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação de si mesmo até a morte, da qual saiu vitorioso por sua ressurreição.

"Poís assim caminharam na esperança os apóstolos, que, com muitas tribulações e sofrimentos, supriram o que faltava à paixão de Cristo por seu Corpo que é a Igreja" (AG 5).

Tudo isto que se diz a propósito do ser e da missão da Igreja, tem sua aplicação direta ao ser e à mis-

são da Vida Religiosa, visto que esta não se concebe a não ser como encarnação de uma Igreja que tenta vi-

ver em total disponibilidade a Deus e aos irmãos, em seguimento de Jesus (Cfr. EN 69).

II — A MISSÃO PROFÉTICA DA VIDA RELIGIOSA

1. Em que consiste

A luz do que foi dito até aqui, podemos agora precisar o que seria a colaboração específica da Vida Religiosa para a missão profética da Igreja.

Em resumo, poderíamos dizer que essa ajuda consiste em ser um sinal escatológico para os homens de hoje, mediante um estilo de vida e de serviço evangelicamente significativo.

SINAL ESCATOLÓGICO

É preciso que se entenda bem o verdadeiro sentido do escatológico, um aspecto da teologia que começou a renovar-se e a revelar toda sua riqueza e dinamismo a partir do Vaticano II. Com efeito, nestes últimos anos, passou-se de uma concepção da escatologia como algo estático e desencarnado, que poderia criar uma certa passividade e um dualismo entre o aqui e o além, a uma concepção mais encarnada e dinâmica.

A Igreja, consciente de sua condição de peregrina na terra, ao conceber-se a si mesma como povo em marcha para sua plena consumação, tem podido integrar a dimensão temporal e histórica que lhe é essencial, e considerar sua atividade no mundo, sua preocupação pela situação presente do homem, e sua procura de caminhos da libertação, como

uma contribuição para a instauração do Reino definitivo; isto é também o que procura atualizar na celebração litúrgica como memorial do que já possui e como antecipação do que virá.

O sinal que a Vida Religiosa é chamada a dar, deve então conservar essa dupla perspectiva de encarnação e escatologia, ser a expressão de algo já experimentado, no que se funda nossa esperança, e algo que porém, nos deixa insatisfeitos a nos impele para a frente; esta visão unificada, e se quisermos, dialética, da encarnação e da escatologia, é o que nos pode ajudar a superar o falso dilema entre fidelidade às necessidades dos homens e fidelidade ao Deus transcendente.

Nesta visão se articulam, em estreita relação, os valores transcendentos que manifestam a elevação do Reino acima de tudo o que for terreno:

* a maravilhosa grandeza de Cristo vencedor do pecado e da morte;

* o absoluto de Deus a quem fazemos uma entrega em total disponibilidade, mediante a profissão dos conselhos evangélicos, como valores de encarnação que mostram que o Reino já chegou e se faz patente, na forma de vida que Jesus, o Filho de Deus, escolheu ao vir a

este mundo para cumprir a Vontade do Pai, e que Ele propõe aos que querem segui-lo (Cfr. LG 44).

Uma forma de vida que, longe de separar do mundo e criar indiferença ou passividade, exige entrega total aos irmãos, serviço humilde e desinteressado, promoção da justiça e da misericórdia.

Assim entendido, o sinal escatológico se libera de toda pretensão de angelismo ou falsa perfeição, visto que aqueles que estamos chamados a concretizá-lo, somos igualmente peregrinos no tempo, e vamos fazendo estrada com todas as criaturas que gemem à espera da manifestação do definitivo; enquanto não chegarem os céus e a nova terra que todos buscamos, esta será a condição da Igreja e de todas as suas instituições (Cfr. GS 39).

PARA OS HOMENS DE HOJE

Vivida a partir desta perspectiva encarnacional-escatológica, a Vida Religiosa deve estar marcada por uma sensibilidade humana particular; a familiaridade com Jesus a Quem procura seguir, faz com que tenham ressonância especial em seu coração, aquelas situações em que o homem e a mulher clamam por libertação em todos os níveis; sensibilidade que leva a uma preferência efetiva para com os mais pobres e marginalizados, e a uma disponibilidade particular para ajudar onde se deixaram de lado os valores evangélicos e se foi construindo um mundo que desconhece, na prática, o plano de Deus, e não tem em conta a suprema dignidade do homem e da mulher.

Nessas situações, o testemunho de uma vida centrada em Jesus Cristo e na realização de sua missão, e animada pelo espírito das Bem-Aventuranças, constitui uma autêntica denúncia dos valores e estruturas que alienam a pessoa, e uma proclamação vital dos verdadeiros caminhos da libertação (Cfr. RPH 2-4).

— Mediante um estilo de vida e de serviço evangelicamente significativo:

A missão profética de denúncia e anúncio a partir do Evangelho, comporta uma revisão constante do próprio estilo de vida; mais do que com palavras, é preciso demonstrar com a vida, que os valores de justiça e liberdade, de misericórdia e perdão, de pobreza e mansidão, que proclama o Evangelho, constituem o núcleo de um projeto que devemos transformar em vida como pessoas, como comunidades e como Igreja.

Só a partir daí nós, religiosos, podemos ser fiéis a essa missão que com tanta força nos aponta a “Evangélica Testificatio” frente às necessidades do mundo de hoje:

— “É urgente que nossos olhos se abram de par em par às necessidades do homem, seus problemas, sua procura, e demos testemunho frente ao mundo, pela oração e ação, da força do amor, da paz e da justiça da Boa Nova. A aspiração da humanidade a uma vida mais fraterna entre as pessoas e as nações, exige antes de tudo uma transformação dos costumes, de mentalidades e de coração. Essa tarefa que é de todo o Povo de Deus, corresponde a vós (religiosos e religiosas), a um título particular. Como responder a ela

sem um desejo de Absoluto que é fruto de uma certa experiência de Deus?" (ET 52).

Esta é a atitude que nos tornará sensíveis para escutar a voz desse homem moderno, alienado por suas próprias conquistas, que vive a nostalgia dos valores que perdeu e lança, sem palavras, um poderoso e trágico chamado para ser evangelizado (Cfr. EN 55).

2. Implicações desta forma de conceber a missão profética

Duas implicações muito concretas parecem desprender-se desta forma de conceber nossa missão na Igreja:

— Em primeiro lugar, que, como pessoas e como comunidades apostólicas, tenhamos um projeto de vida que manifeste claramente o Absoluto de Deus e do Reino, em fidelidade às exigências que Jesus veio proclamar e viver no mundo.

— Em segundo lugar, embora menos importante, que esse projeto seja vivido no meio do mundo, em contacto com os homens a quem nos sentimos enviados e a quem queremos evangelizar e servir.

A primeira destas implicações é essencial, enquanto que constitui o núcleo, o centro de gravidade do projeto de Vida Religiosa; essa dimensão transcendente, que matiza e determina todos os demais elementos, é o que permite dar sua contribuição específica dentro das diversas formas de viver a vida cristã.

Em síntese, a vida religiosa se define hoje como a vivência atual da radicalidade evangélica; sua forma

de viver deve ser a expressão de uma opção totalizante que não tem outra razão de ser senão a graça pela qual se tem compreendido a supremacia absoluta de Deus e do Reino, acima de todas outras realidades, e se descobriu que é a partir de Deus que essas realidades tomam seu verdadeiro sentido.

Se a Vida Religiosa perdesse sua capacidade de verificar e tornar patente nos diversos aspectos de sua vida, essa "experiência transcendental" em que se baseia sua vocação, essa vivência profunda do mistério que ilumina seu projeto perderia também a capacidade de experimentar a contingência, a relatividade de tudo quanto não tem o horizonte do Absoluto, e com ele a força de sinal, de chamado, de denúncia de algo que o mundo por si mesmo não pode ver, e que é precisamente a medula do sinal escatológico.

A segunda implicação, isto é, a inserção no mundo, é algo vital em um projeto de Vida Religiosa apostólica à margem ou desligada do mundo; e isto não só porque o mundo é o lugar histórico e geográfico onde estamos, mas também porque é no mundo que a vida cristã, e mais especificamente a Vida Religiosa, é chamada a ser luz e sal; uma luz que não se projeta tanto por palavras como com uma vida que pode ser vista por todos "para que glorifiquem ao Pai", e um sal que não cumprirá sua missão a não ser misturando-se com aquilo a que quer dar sabor.

É evidente que não se pode entrar pelo caminho de inserção no mundo sem correr o risco que im-

plica. O mundo, com efeito, é uma realidade envolvente e ambígua; ao querer enxertar-se aí, a Vida Religiosa corre o perigo de perder a nitidez com que pretende manifestar o sentido do Absoluto, ficando absorvida e entretida pelo secundário e accidental; pode misturar-se de tal modo que perca essa certa distância que lhe permite manter sua fisionomia própria, e perder assim seu sentido no meio do mundo.

Mas nem pelo fato de isso ser um risco devemos prescindir de um elemento que consideramos vital para a Vida Religiosa apostólica. Melhor, devemos dizer que isto nos obriga a encontrar o modo de viver hoje nosso projeto de vida, sem desvirtuá-lo nem empobrecê-lo.

3. O espírito que deve animar nossa missão profética

— O seguimento de Jesus

É claro que, se o nosso projeto de vida é um projeto de radicalidade evangélica, se a nossa missão fundamental é o anúncio do Reino em seguimento de Jesus, o caminho se encontra, antes de mais nada, em Jesus; sua vida e sua práxis nos mostram o modo de viver a relação com o Absoluto, Deus Pai, a Quem queremos entregar-nos totalmente, e a relação com o mundo, com os homens que nele estão, com quem vivemos e a quem queremos servir como Jesus.

Olhando mais de perto o modo como Jesus se situa ante o Pai que o envia, e os irmãos que estão no mundo, descobrimos que, desde sua consciência de Servo e Enviado, e

através de sua relação íntima com Ele, Jesus nos revela o Pai como o Deus do Reino cuja vontade se lhe manifesta progressivamente; é Deus quem impele Jesus a proclamar uma Boa Nova que se torna efetiva para os pobres e os que se convertem; é Ele quem lhe exige uma total disponibilidade para a entrega, inclusive da própria vida, como manifestação suprema do amor.

Em sua relação com o homem e a mulher, Jesus se situa como o Sim de Deus a tudo o que contribui para a reconciliação do homem com Deus, e como o Não a tudo aquilo que atenta contra a pessoa humana, a quem Jesus mesmo chama de irmão e irmã, e a quem anuncia sua irrenunciável dignidade de filhos de Deus (Crf. EF. 1,3-14).

Esse modo de Jesus situar-se no mundo é que dá a razão de suas atitudes e atuações: sempre a favor da pessoa e com preferência para os mais necessitados; vencendo a tentação de outras opções, e mantendo até o fim, o serviço ao pobre como critério de verificação da chegada do Reino; afrontando os conflitos que lhe cria a fidelidade a esse caminho assinalado pelo Pai; abandonando-se totalmente nas mãos de Deus, mesmo nos momentos mais desconcertantes de seu caminho de fidelidade, e, praticando de fato o amor até a morte.

— O exemplo típico de Maria:

Dentro desta perspectiva da vida de Jesus, não pode faltar outro ponto de referência que também vem a ser uma chave na vivência desta vocação a partir da dimensão femini-

na: é a figura típica de Maria. Ela é não somente o fruto admirável da nova redenção, é também a coooperadora ativa.

Em Maria se manifesta claramente que Cristo não anula a criatividade dos que O seguem. Por sua livre cooperação na Nova Aliança de Cristo, é com Ele, protagonista da história (Cfr. DP 293).

Sua vida e ser encerram, e ao mesmo tempo revelam, um profundo mistério: nela se refletem os rasgos maternais de Deus em sua relação com o homem, manifesta-se a predisposição que Deus deu ao homem para acolher a vida e comunicá-la, tornam-se patentes as maravilhas que Deus opera no ser humano quando ele se abre à ação do Espírito que renova todas as coisas.

No Magnificat, o canto que reflete toda sua riqueza interior, nos revela o segredo de sua relação com Deus, seu Absoluto e Salvador, e nos manifesta sua atitude perante o mundo dos homens em que Deus exalta os humildes, derruba os poderosos, deixa vazios os ricos e acolhe os que o temem para neles realizar suas promessas.

Maria é reconhecida como modelo extraordinário da Igreja na ordem da fé; é a Virgem fiel, em quem se cumpre a bem-aventurança maior: "És feliz porque acreditaste" (Cfr. DP 296).

4. Condições que garantem a autenticidade desta missão

Para cumprir esta missão, requerem-se umas condições que susten-

tam e asseguram a autenticidade do sinal que se quer dar e a possibilidade de ser lido pelos homens de hoje; essas condições se referem sobretudo à experiência de Deus, à relação com o mundo, e ao modo de ver os acontecimentos que fazem avançar a história. Procuraremos explicá-las um pouco mais.

— Alimentar a experiência de Deus.

A experiência de Deus é como que a "experiência fundamental" de nossa vocação; dela parte a orientação atual de nossa vida, e dela deve alimentar-se seu dinamismo.

— Os diversos encontros com a pessoa de Jesus que o NT nos revela, foram, para os discípulos, essa experiência fundamental que, alimentada ao longo de suas vidas, assinalou o caminho e garantiu a permanência no caminho de Jesus; esse encontro foi para cada um a força secreta de sua missão, a motivação permanente de sua fidelidade, a fonte da liberdade interior que lhes permitiu abrir-se às exigências insuspeitadas do caminho escolhido, a força para suportar alegremente todo tipo de dificuldades.

Na hora de justificar sua mensagem ou sua missão no mundo, era precisamente o fruto dessa experiência que brotava mais espontaneamente. João nos comunica o que viu e ouviu do Verbo da Vida (1 Jo 1,1); Pedro afirma vivamente que foi testemunha daquilo que prega, e que ouviu a voz do Pai estando com Jesus no Tabor (Cfr. At 10,41; 2 Pd 1,16); Paulo não quer conhecer nem anunciar outra coisa senão Jesus Cristo, por Quem deixou tudo, e

em Quem ele mesmo se re-encontrou (Cfr. Flp 3); era algo tão forte que eles, uma vez tendo-o experimentado, não podiam deixar de comunicá-lo.

E eis que o próprio Jesus viveu isso tão explicitamente que não podia ser outra a atitude dos discípulos; para Jesus, a referência constante ao Pai, a busca de sua Vontade, a escuta e acolhida da sua revelação, constituíam seu alimento, sua vida, sua razão de ser no mundo (Cfr. Jo 6,38).

— A experiência de Deus necessita de momentos fortes de contemplação.

Uma contemplação que atualize em nós o sentido transcendental da consagração, a experiência de sermos tomados por Deus, amados por Ele, ungidos pelo seu Espírito, enviados em missão; essa dimensão pessoal da experiência de Deus é imprescindível para o apóstolo; neste encontro profundo do humano e do divino onde o ser se autotranscende, onde se potencia e plenifica, é aí onde se humaniza e se torna transparente para receber e refletir aquilo que, como apóstolo e profeta, deve comunicar; uma contemplação que, além disso, nos faça olhar a partir da ótica do Deus Trinitário que não só contempla o mundo com amor, mas se entrega em um projeto de salvação. São momentos fortes necessários para exercitar em nós essa “educação dos olhos” de que fala T. de Chardin, o olhar que nos faz pressentir e descobrir a presença de Deus no mundo, e que, conforme o mesmo autor, devemos pedir como um dom: — “Daí vem

que, na origem de nossa invasão pelo Meio Divino, devemos situar uma oração intensa e continuada; a prece que suplica o dom fundamental: Senhor, faze que eu veja... pressentimos que estás em todas as partes ao redor de nós, porém há um véu sobre nossos olhos; faze que brilhe por toda parte teu rosto universal.”

Somente uma experiência assim, personalizante e integradora, referida aos dois pólos que firmam a vida do apóstolo, pode fazer com que a relação entre fé e vida, entre contemplação e ação, seja uma tensão de vida e de crescimento que nos tire de nós mesmos, nos comprometa e não nos deixe instalar.

Esse é o tipo de experiência espiritual que pode sustentar o valor profético e a paciência histórica de que necessitamos para anunciar ao nosso mundo, a Boa Nova de salvação, e para comprometer-nos em sua realização existencial.

— Estabelecer uma relação adequada com o mundo:

A realização da missão recebida do Pai exigiu de Jesus uma inserção radical no mundo que devia salvar; inserção que se deu através da Kenosis e da encarnação: “despojou-se de sua dignidade e apareceu como um qualquer, tornando-se obediente até à morte de cruz” (Cfr. Flp 2). Neste mistério da resposta insólita de Deus às mais profundas aspirações do homem é que temos de descobrir a motivação e o modo de viver hoje a inserção no mundo. Nesta resposta:

* a motivação é o grande amor de Deus para o mundo, o que O levou a entregar-lhe seu próprio Filho; esse amor que João experimenta profundamente e que o leva a exclamar: — “Se Deus assim nos chamou, nós devemos estar dispostos a dar a vida por nossos irmãos” (Cfr. Jo 3,16);

* a intenção não é dar explicações aos grandes questionamentos do homem, mas instaurar no mundo uma forma de situar-se frente a Deus, frente aos homens e às coisas, que faça com que o mesmo homem possa descobrir o verdadeiro sentido de sua vida e vocação, e assumi-lo com grande esperança;

* a dinâmica é a da encarnação: assumir a vida humana com todas as suas vicissitudes, nesse lento caminhar do homem até à plenitude, incluindo a passagem imprescindível pela morte; tudo isto em atitude de pobreza, de abnegação e serviço.

— Na história da Vida Religiosa, a relação com o mundo teve matices muito diversos que vão desde a “fuga mundi” do deserto à construção de um mundo à parte, particularmente as grandes abadias, até seu retorno parcial com as Ordens Mendicantes e os Institutos Apostólicos cujo contato com o mundo dava-se apenas em função do ministério e do serviço.

Hoje em dia, porém, estamos num momento em que começa a perfilar-se um novo tipo de relação fortemente marcado pela necessidade de inserção no mundo, e ao mesmo tempo pelos temores e suspeitas que desperta o fato de não sabermos nos

situar numa realidade tão ambígua. Isso requer que tenhamos bem claro a que mundo nos referimos quando falamos de inserção no mesmo.

Num primeiro momento de nossa história recente, na euforia da renovação, a descoberta do mundo moderno do qual nos encontrávamos separados até então por estruturas que justamente pretendiam a defesa contra a mundanização, fez com que essa primeira aproximação, à qual nos impelia o próprio Concílio, fosse um contato mais secularizante do que evangelizador.

A capacidade crítica frente às contradições e opressões da sociedade em que estávamos entrando, cedeu o passo a uma atitude de assimilação e aceitação bastante indiscriminada. A conciliação com o mundo significava, em alguns casos, a entrada na sociedade de consumo, do comodismo, da profissionalização e da competência. O contexto social em que se deu esta inserção determinou em grande parte o impacto e a marca que essa entrada no mundo produziu.

Ao lado dessas experiências, outras aconteceram e permitiram à Vida Religiosa descobrir, no mundo, situações humanas antes ignoradas, que lhe fizeram abrir os olhos para essa outra realidade onde as contradições e opressões do mundo não se podem esquivar porque se tornam evidentes, e surgem como clamor que vem dos pobres e marginalizados da sociedade, vítimas das injustiças sobre as quais esta sociedade está construída, em aberta contradição com os valores do Reino que procuramos proclamar.

Inserida nesta realidade, a Vida Religiosa teve de questionar-se profundamente, e começou a viver a inserção no mundo dos pobres, como um processo de conversão existencial.

A aproximação aos homens mais necessitados, aos que são vítimas da marginalização, a convivência com eles, a solidariedade com suas lutas e aspirações, lhe têm feito compreender, por um lado, a grande distância que, em muitos casos, nos tem separado deles por muito tempo, e por outra, a riqueza que nos trazem, quando sabemos descobrir os germes de Evangelho que eles conservam, e os frutos de vida e de humanidade que aí crescem, apesar dos embates de uma sociedade que atenta precisamente contra esses valores fundamentais.

Compreendemos então, porque a experiência de inserção é vital para a Vida Religiosa, e como deve ir transformando seu modo de viver e de situar-se no mundo; fica claro a que mundo e de que modo devemos nos aproximar; mais ainda se confirma o fato de que a vida histórica de Jesus, com sua marcada preferência pelos mais pobres, em sua relação com o mundo, nos dá a chave para viver evangelicamente a experiência de inserção.

— Discernir e acolher a ação de Deus na história.

Jesus estava consciente de que o Reino por Ele anunciado não estaria plenamente realizado no mundo, nem no momento de sua morte, nem sequer depois de sua Ressurreição; sabia que o deixava no mundo, co-

mo levedo que fermenta, ou como semente que cresce, porém, sua realização deveria dar-se no tempo escatológico que então se inaugurava, e sob a ação do Espírito que Ele prometeu a seus discípulos e a seus seguidores no decorrer dos tempos.

Descobrir esse dinamismo que está impelindo a história até a plenitude do Reino, é descobrir o núcleo vitalizador do nosso projeto de vida. Toda a história da salvação, desde a criação até a parusia, tem estado e estará animada por este Espírito de Deus que é vida e força criadora. Por seu sopro irrompeu a vida onde antes só havia caos e trevas; sob sua ação, e através da dor de sua morte, apareceu no mundo o Homem Novo, Jesus Cristo; impelidas por Ele, a criação e a humanidade continuarão a gemer pelo seu resgate, e os homens, renovados pelo Espírito, continuarão impelindo a história até a plena manifestação dos filhos de Deus (Cfr. Rm 8).

Esta é a grande esperança que estamos chamados a proclamar no mundo, e que deve animar nossa ação nele, quando procuramos servir aos homens, buscar com eles sua libertação e fazê-los descobrir o verdadeiro sentido de sua vida.

É fora de dúvida que esta ação do Espírito na história, é como que imperceptível para o sentir do mundo; mais ainda, pode ser afogada pelas forças do "mundo" que tratam de orientar a história em outra direção. Por isso, nós que nos comprometemos a anunciar o Reino no mundo, necessitamos aprender a ler os sinais que tornam patente essa ação de Deus no aqui e agora

do nosso mundo, e aqueles que a contradizem; discernir não somente os espíritos que nos movem interiormente, mas também os que movem o curso da história; fazer este discernimento é demonstrar que o Reino de Deus não é uma doutrina mas um acontecimento perene que vai se realizando naqueles que procuram conformar sua vida com a de Jesus, e se deixam transformar por seu Espírito.

É assim que se vai gerando a nova humanidade, e que a história pode avançar, em via de salvação, até o Reino definitivo.

Essa atenção dinâmica à ação do Espírito permitirá à Vida Religiosa cumprir sua missão na Igreja, em atenção a essas quatro grandes fidelidades que aponta o documento "Religiosos e Promoção Humana": — fidelidade ao mundo e ao homem de hoje, fidelidade ao Cristo e ao Evangelho, fidelidade à Igreja e à sua missão, fidelidade ao nosso carisma próprio e à identidade que nos configura com ele.

CONCLUSÃO

De tudo o que precede podemos concluir que a inserção da Vida Religiosa no mundo, e a fidelidade a seu papel profético nele, é antes de tudo um desafio à própria revitalização, ao recuperar a seiva evangélica que alimenta sua raiz, e ao alimentá-la nas fontes de onde surge; a resposta a esse desafio não se dá subtraindo-nos do mundo para nos defender dos seus perigos, mas inserindo-nos nele, com a consciência

clara daquilo que somos e queremos, com o olhar e o coração colocados Naquele que nos configura e renova constantemente em Jesus que nos infunde o seu Espírito e nos manda ir pelo mundo todo a pregar o Evangelho (Cfr. Mt 28,19).

O dilema que esse desafio nos oferece é forte e também decisivo para o futuro da Vida Religiosa: — ou entramos no mundo e na história, e aí aprendemos a escutar a Deus e a responder-lhe na fidelidade, ou teremos de resignar-nos a que, pouco a pouco, as Congregações da atualidade se vão reduzindo a Instituições do passado, sem força de atração, incapazes de ser o sinal que estão chamadas a ser.

Diante de um desafio tão decisivo, nossa debilidade e impotência devem invocar e apoiar-se na fidelidade de Deus. A história da Salvação e da Vida Religiosa são uma prova da fidelidade de Deus que torna a nossa fidelidade possível; porque, quando Deus faz sentir, por sua presença e palavra, o amor que tem pelo homem, e quando este faz eco a Deus e decide responder-lhe e manter-se nessa resposta, é quando se dá a verdadeira fidelidade. É o que afirma a Escritura: — um grande e variado caminho de encontro de Deus com o homem apesar das nossas infidelidades.

Assim apoiados em um Deus inquebrantavelmente fiel, poderemos responder a este hoje da Vida Religiosa no qual continua fazendo ouvir sua voz e esperando que nós também continuemos percorrendo o caminho da fidelidade.

A ORAÇÃO DE MARIA, INTÉRPRETE DA PALAVRA

*A oração individual se reassume no horizonte pascoal,
a partir da comunhão dos corações na fé.
Maria e os Apóstolos são paradigmas
desta fé a ser vivida no quotidiano complexo
dos que hoje cremos em Jesus de
Nazaré, o Filho de Deus, o Cristo Ressuscitado por Deus.*

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ

Rio de Janeiro, RJ

Revelação e Tradução

Em nosso mundo interdependente, de intensas relações internacionais em vários planos, a **tradução** é indispensável à comunicação. Por ela, pessoas de línguas diversas podem entender-se sobre interesses comuns. Obras, idéias, programas e projetos, formulados em uma língua e votados, por si, a confinar-se num espaço cultural, tornam-se, pela tradução, patrimônio de todos. Já há muito, no passado, Homero, Virgílio, Dante, Shakespeare, Goethe, para só ficar com alguns nomes inconteste na trilha literária do Ocidente — e tantos outros, vinculados a povos diversos e a distintas culturas — tornaram-se herança da humanidade inteira. O melhor do que os homens puderam pensar e expressar faz-se, pela tradução, benefício para sempre às gerações seguintes. Não se pode esquecer, infe-

lizmente, que por ela se difunde também o que não constrói.

No presente, a tradução oral e escrita, posterior, consecutiva ou simultânea, permite a circulação diária dos jornais e a imediata informação do rádio e televisão. Ela põe em contato aliados e oponentes, nos foruns amplos como a ONU e suas organizações especiais (UNESCO, FAO, UNICEF, etc.). Ela torna viáveis os congressos, simpósios ou seminários de pesquisa científica, assim como as conversações de ordem política, econômica ou social. A tradução é uma descoberta antiga que nunca se tornou inútil. Antes, no mundo atual da informática e da comunicação de massa, ela sintetiza, difunde e permite implementar inventos e criações humanas em vários campos. Por isso, a tradução se fez simplesmente indispensável e se aperfeiçoa sem cessar.

As relações de Deus com os Homens, a História da Salvação, na concretização da Aliança, segundo a tradição judeo-cristã, podem ser vistas à luz desta operação humana que é a **tradução**. De fato, Deus e o Homem são tão radicalmente distintos que a comunicação entre eles seria de todo impossível sem alguma forma de tradução. O foco decisivo do mistério de Deus em Sua relação ao Homem, na perspectiva cristã, é a realidade mesma de Jesus Cristo. Ele é ponte entre as duas margens e de ambas participa. É Deus e é Homem. Retrospectivamente, responde à expectativa de milênios. É o ponto de chegada da diuturna marcha da humanidade, por infinitos e diversos caminhos de gerações sem conta. Prospectivamente, catalizando este passado, ele dá também sentido e rumo à história dos homens, ao abrir-lhes a visão escatológica de sua meta definitiva. É, assim, Princípio e Fim. À luz de Jesus Cristo, a História não é um acaso nem um caos. Tampouco pode involuir-se sobre ela mesma. Fazendo-se parte de nossa história, em Jesus Cristo, Deus nos permite ter dela uma visão criativa, teleológica. E, no entanto, o mesmo Deus nos respeita na configuração dessa história que continua sendo marcadamente nossa. De fato, a história é construção humana, poderosa e frágil, admirável e lamentável, contínua e incoerente, paradoxal e imprevisível. Ela concretiza e expressa a aspiração ao BEM, que, todavia, nem sempre encontra espaço ou vez em tantas formas precárias e efêmeras do que os homens chamam de **bem** e que, contudo, perseguem

sempre ou tentam realizar em seu ser e em seu fazer.

Através da Encarnação de Jesus e de seu desdobramento em sua vida e em sua páscoa, no alcance pleno de seu mistério, Deus **traduz** para o Homem a realidade inatingível dEle mesmo. Em Jesus, Deus nos faz o dom de se manifestar como Homem, no quadro amplo do Seu desígnio sobre o universo que é, não menos, dom de Deus ao mesmo Homem. Neste contexto, a Maria foi dado por Deus um papel singular de imenso alcance, na simplicidade surpreendente de seu desempenho.

Tradução e Encarnação

Olhemos um pouco mais de perto a analogia entre a **tradução** e a **Encarnação**.

Na **tradução**, temos uma língua fonte e uma língua de destino. Há um meio ou instrumento, o tradutor ou o intérprete, que faz a passagem de uma à outra. A tradução implica em aprender o sentido que é dado pelas palavras, pelas frases e pelo contexto originante, assim como oferecido no código de uma determinada língua. Traduzir é decodificar esta língua e codificar os mesmos sentidos em outra língua, através de palavras, frases e contexto que os tornem inteligíveis. A tradução será tanto mais perfeita, quanto menos ela permitir entrever, na língua de destino, os traços e resíduos da língua fonte e quanto mais for capaz, apesar disso, de fazer passar de uma língua à outra o conteúdo pleno e os matizes do sentido.

Uma boa tradução, pois, postula o desaparecimento, o esvaziamento do código de origem, para que a mensagem surja no código de destino. Isto requer do tradutor ou intérprete a familiaridade profunda com os dois códigos, para garantir a fidelidade da passagem de um ao outro, sem trair ou falsear as respectivas identidades.

Não é outra a dinâmica do mistério da **Encarnação**. O Verbo, que é Deus (Jo 1, 1-14), se esvazia na sua forma divina (Fil 2,5-11). Surge então em forma humana, de modo que, pela Encarnação, em todo o seu desdobramento e alcance na vida, paixão, morte e ressurreição de Seu Filho, Deus se faz em Jesus acessível e de algum modo inteligível ao Homem (Jo 14,8-11). O tradutor e intérprete, no caso, é o Espírito Santo através de Maria ou é Maria sob a ação do Espírito (Lc 1,30-35; Gal 4,4-7). Depois, ao longo de sua vida, é o próprio Jesus (Jo 17,1-26; 14,5-7). Neles, tomados em conjunto, se dá o conhecimento e a realização dos dois códigos, o divino e o humano. Jesus, sendo Deus, se torna vivo entre nós como Homem; sendo Homem, não perde a autenticidade de seu sentido de origem enquanto Deus (Mt 11,25-27; Lc 10, 21-24; Fil 2,5-11; Col 1,11-20; 1 Jo 1,1-3).

Podemos, pois, dizer que a Encarnação **traduz, ontologicamente**, a Palavra. Jesus é, por excelência, a PALAVRA e seu próprio intérprete. A Maria, porém, é também dado ser, de algum modo, **intérprete da Palavra**, na medida em que a força de Deus, em si mesma inatingível, faz-se nela e por ela, sob a ação do

Espírito, acessível ao limite do homem e não menos frágil na expressão humana de sua realidade divina.

Mas Maria é também para nós intérprete da palavra **pedagogicamente**, através de sua **oração**. Maria reza segundo a tradição de seu povo e em comunhão com ele. Maria reza iluminada, em Pentecostes, pelo Espírito Santo que introduz na oração o Povo da Nova Aliança, do qual somos parte. Na oração de Maria, um paradigma de oração nos é oferecido a todos. Ela nos inicia a uma oração ligada à vida que nos ajuda a interpretar a Palavra em nossa própria realidade.

A oração de Maria em comunhão com seu povo

*** Maria reza**

Os textos do Evangelho nos falam pouco de Maria. Mas, neste pouco, dizem proporcionalmente muito, embora de maneira implícita, sobre sua **atitude de oração**. Maria **discerne** na Anunciação (Lc 1,26-38), **louva, glorifica e agradece** ao Senhor, no **Magnificat**, (Lc 1,46-55). Ela **interioriza** as manifestações dos homens ou de Deus por eles (Lc 21,9.34-35). **Contempla e perscruta**, por muitos anos, o crescer misterioso de seu Filho, em estatura, em sabedoria e em graça, no cotidiano de seu lar (Lc 2,39-52). Maria **intercede** pelos outros em Caná (Jo 2,1-11). Faz-se **presente** ao pé da Cruz, na **aceitação** sofrida e serena de uma dor imensa (Jo 19,25-27). Maria, em **comunhão** com os apóstolos e discípulos, homens e mulheres, vive na oração, a expectativa e a es-

perança do dom do Espírito (At 1, 14). Pela Sua Força, Maria, **discípula** de Jesus, na fé, faz-se, na Igreja incipiente e com ela, **testemunha** do Cristo Ressuscitado (At 2,32) e **acolhe, na comunidade eclesial, a palavra dos Pastores** (apóstolos) (At 2,14-36 e Lc 2,19.51b).

Através das pedrinhas isoladas destes textos, compõe-se o contínuo de um mosaico a oferecer-nos a figura **orante** de Maria. Cada passagem exprime um traço da oração cristã. No seu conjunto, o Evangelho nos proporciona, pois, ao referir-se à Virgem, o perfil inconfundível de Maria, em **atitude de oração**.

* **Maria reza ensinada por seu povo**

É mérito de Aristide Serra, em um livro de rara beleza, densidade espiritual e rigor científico (1) ter explorado a fundo o alcance de dois versículos centrais do Evangelho segundo Lucas — **Lc 2,19.51b**. Ele o fez em referência ao conjunto das Escrituras e, portanto, da História da Salvação, como um todo. Nos dois textos, Lucas diz que Maria **conservava** todas essas lembranças no seu coração e, no primeiro (19b), sublinha que ela os **interpretava** (repassava, relacionava, cotejava, confrontava) (2).

É central na tradição de Israel este “conservar no coração a Palavra de Deus”, esta **memória-recordação** (3). Ela se orienta não só à mera lembrança e atualização de fatos e ditos, mas à compreensão, à sua luz, daquilo que se vive no presente. Israel narra e transmite, de geração a

geração, os gestos de Javé, na paciente moldagem de seu passado (4). Israel pauta por eles a história que ao longo do tempo continua a construir-se (5). Israel celebra com frequência tudo isso e, neste memorial, a si mesmo se conta e repete incansavelmente o inconfundível de sua identidade. Por aí se configura em grande parte a **oração** deste povo. Por aí, os **sapientes** nele perscrutam as Escrituras, para entrever, descobrir e interpretar tudo aquilo que é obscuro, os enigmas e silêncios que envolvem o mistério de Deus, do Homem e deste povo, com o qual o Senhor estabeleceu Aliança (6). É fundamental, nesta perspectiva, **traduzir** na vida aquilo que se recorda. **Realizar a palavra** será, na antiga, como na nova Aliança (7), a passagem imperativa do código apreendido, auscultado e conhecido mentalmente, ao código vital da coerência na ação concreta e confiável (8). É um postulado de **tradução** contínua. O **orante e o sábio** (9), pois, em Israel, jamais conseguirá exaurir a riqueza do Deus de que se nutre a sua fé. Tampouco poderá atingir o clímax terminal em sua capacidade de modelar sua vida pelas exigências da palavra que crê. Na **oração e na sabedoria**, portanto, há sempre uma infinita perspectiva de crescimento (Ecl 24,28-29).

* **Maria reza na vida, à luz da fé**

Maria se encontra diante de fatos reais de sua própria vida, relativos todos à vida de seu filho. Ela não tem dúvida sobre a ação de Deus, mas por nada se lhe faz claro o sentido de tal ação. Desde que, por iniciativa do Pai e pela força do Espí-

rito, Jesus surge em seu horizonte de filha de Israel, de mulher e mãe (Lc 1,26-38), Maria registra, com perplexidade e admiração, fatos e palavras de Jesus e sobre ele (Lc 2, 33), cujo alcance ela não consegue penetrar (Lc 2,19.50-51b). Ela retoma então a tradição orante de seu povo. Ensinada por ele, recorda e repassa tudo, ruma o seu mistério, como a isto se referem alguns Santos Padres (10). Cresce assim, ela também, em sabedoria. É esta dimensão espiritual, muito íntima, de Maria, que Lucas, com impressionante concisão e plenitude, expressa em seus dois versículos: 2,19.51b (11).

O recurso às Escrituras é a via habitual que lhe permite nortear a busca e abrir-se à compreensão do que faz e diz o seu Menino. Protagonista na vida desta criança, ela deverá continuamente perguntar-se o que significa e quer dizer um Filho de Deus que se faz Filho do Homem, mediante seu consentimento de mulher e mãe. Com a ressurreição, as cousas se vão iluminar até certo ponto. Mas, por ora, sua experiência diária da infância de Jesus e de seu desenvolvimento humano ou de sua atividade pública é cheia de zonas de sombra, de pontos não inteligíveis sobre sua pessoa, sua missão e — muito antes que o sintam os apóstolos (Mc 8,31-33; 9,30-32; 10,32-34) — sobre seu destino de sofrimento, no qual Simeão muito cedo lhe anuncia que se inclui o dela própria (Lc 2,33-35). Maria, como todo **sapiente** na Bíblia, confia ao coração a meditação solícita do que não é claro (Ecli 4,17-18).

Diante deste Jesus concreto, ali em sua casa, Maria terá revisto e repensado as expectativas sobre o Messias, assim como as formulava o judaísmo de seu tempo. No dom a ela concedido, de não se escandalizar, como tantos discípulos (Jo 6, 60-66) e de não rejeitar, como os escribas e fariseus, (Mc 2,1 a 3,6), emerge e sempre mais se afirma nela esta fé admirável que Isabel cantou: “Feliz és tu porque creste!” (Lc 1,45). As gerações a chamarão bem-aventurada (Lc 1,48), porque entre todas as maravilhas que nela cumpriu o Senhor (Lc 1,49) a maior foi precisamente esta, a de estabelecer e consolidar a sua fé, traduzida sem trincas nem rupturas ao longo de toda a sua vida (Lc 11,27-28).

A oração de Maria, pois, é recordação da tradição de seu povo para situar no seu horizonte este Menino, este Jovem, este Homem, que é seu filho, Jesus. Mas essa oração é também releitura de todo um passado à luz da evidência palpável deste filho, centro de sua vida pela ação de Deus. O entroncamento destas duas perspectivas — a da **própria vida e a da Escritura**, na busca da significação das cousas do presente e do passado ligadas a seu filho, abre-a certamente para uma nova **interpretação**. Ao lembrar e ao comparar, ela capta sentidos novos. Estes a tornam **intérprete desta Palavra** dita e confirmada em seu próprio Filho e das palavras que sobre ele se disseram, ao longo de sua própria vida e da história de sua gente. Longe de se esclarecer, o mistério não raro se aprofunda e demanda sempre a resposta da fé. Lu-

cas nos dá certeza disto, tanto no início do processo (narrativas da infância) (Lc 1 e 2), quanto no seu ápice (narrativas da comunidade pascoal de discípulos, entre os quais Maria, que recebem o Espírito) (At 2,12-14).

Maria é sempre a **orante na fé**. O intérprete não é bom se não capta o sentido real daquilo que traduz. Maria que para nós traduz o divino em humano, passa a sua vida recordando, contemplando e ruminando a palavra, para nela descobrir a profundidade do sentido. Na primeira tradução, **ontológico-teológica**, a tradução se faz pela maternidade. Na segunda tradução, essa que se vai processando durante a vida na compreensão de Jesus e que poderíamos chamar **crisológica, mariológica, antropológica**, a interpretação se faz em clave de fé. Na terceira tradução — a que se dá a partir de Pentecostes e no contexto comunitário da incipiente comunhão eclesial, iluminada pelo Espírito, a interpretação (apostólica, kerigmática, catequética, missiológica) se fará pelo **testemunho** na fé sobre Jesus de Nazaré que é o Cristo Ressuscitado por Deus. Nessas três traduções, Maria emerge sempre como **intérprete da palavra**, embora sob formas diversas. Nas três, ela tem, em relação a nós, uma função **pedagógica na fé**. Na sua oração, que **recorda e interpreta, contempla e testemunha**, ela nos ensina como acolher a Palavra na vida e como gestar em nós, na comunhão eclesial, o Cristo da fé que é a VIDA.

A oração de Maria sob a ação do Espírito

Nessas três dimensões da vida de Maria, **intérprete da Palavra**, que para nós **traduz** a realidade de seu Filho, o Espírito Santo atua sobre ela. Ela é **MÃE**, pela força do Espírito (Lc 1,35). Sob Sua inspiração, ela **REZA**, na tradição de Israel, a ela referindo a própria vida. Ela relê a sua própria história de convívio com Jesus, à luz do Espírito que deu aos apóstolos, aos discípulos e a ela entre eles, uma visão, articulada na fé, do sentido pleno de Jesus, seu filho, e do plano de Deus sobre ele e, nele, sobre nós.

De algum modo podemos dizer que há na vida de Maria uma dupla fase de ação do Espírito.

A **primeira, é pré-pascal**. Lc 2, 51b, como uma espécie de conclusão cumulativa de Lc 1 e 2, refere a diuturna elaboração que Maria tecia em seu coração orante sobre a infância e a juventude de Jesus. Ela o fazia já desde o próprio acontecimento dos fatos. Como mãe e sobretudo como aquela que crê (Lc 1,42-43. 45), ela está ligada a quanto faz e diz este Menino. O seu futuro está já no presente. Ele crescia em sabedoria, isto é, descobria sempre mais e melhor a referência de suas ações à vontade do Pai (Lc 2,40-52). Maria também crescia em sabedoria, isto é, não cessava de interrogar-se sobre o mistério do Filho e de aprofundá-lo sempre mais. A luz para isso lhe vinha igualmente do Espírito de Deus, aquele mesmo que a adumbrara na Encarnação e que, não menos, oferecia aos sábios de Israel o dom da inteligência.

Mas há também a **segunda fase, pós-pascal**, da ação do Espírito sobre Maria. Com a comunidade dos discípulos de Jesus, Maria recebe o Espírito, dom do Pai e do Filho à Igreja, para a compreensão escatológica da Palavra de Jesus. Maria pode completar assim, sob nova luz, sua interpretação da vida, dos ditos e fatos de seu Filho e ser dele **testemunha**, como o serão os apóstolos e discípulos (12).

Oração de Maria e a nossa oração

Entre as duas fases, não há ruptura, mas continuidade. Por isso mesmo, há também crescimento na fé. Neste sentido, Maria é, de novo, **intérprete da Palavra** para nós. Ela **traduz** a nosso alcance o inexprimível de um processo que se repete em nós.

Nossa oração, relação pessoal com Deus, se fará sempre na fé, mas a partir do concreto desenrolar de nossas vidas. Nossa história e o nosso dia a dia é o que tem que ser lido e perscrutado à luz da memória, dos gestos e das palavras de Deus, num contexto maior de salvação, no qual nos inserimos como pessoas e como povo que crê. Por aí, eles se iluminam e tomam sentido. Por aí passamos também nós a **interpretar** a palavra manifesta em nossa vida, lendo nela a linguagem de Deus e a expressão de Seu desígnio e de Sua vontade no chão batido de nosso humano existir.

Nada disto se faz só por nosso esforço. Abrindo-nos à ação do Espírito Santo, como Maria, intuímos o

que só por nós não atingimos. Em nós se robustece então a fé. Qualifica-se em nós o **intérprete e a testemunha**, para **traduzir**, na coerência da fé, a verdade da vida e a atitude contínua de oração cristã. Esta se inspira e se recapitula na riqueza da vida e oração de Maria. Não são as palavras multiplicadas (Mt 6,7-8), mas a disposição existencial de oração do todo da pessoa (Jo 4,23-24; Lc 10,1-4; 18,9-14; 10,25-37). Não é um esforço voluntarístico do qual temos o comando, nem tampouco a sofisticação metodológica de nossa criatividade. É, sim, a consciência do **dom gratuito de Deus**, acolhido com simplicidade e liberdade interior em terra boa, assimilado e multiplicado na fidelidade ativa e disponível de cada dia (Mt 13,1-23).

Não é, finalmente, só a oração individual da pessoa que está em jogo. Esta é, por certo, indispensável. Mas, como a de Maria, ela se reassume no horizonte pascoal, em meio à comunidade eclesial. Ela se estabelece a partir da **comunhão** dos corações na fé, pois não há verdadeira comunidade nem oração comunitária sem comunhão autêntica. Na perspectiva cristã, porém, a oração em comum não é só efeito e resultado da comunhão. Ela é também requisito e instrumento no construir a comunhão. **Comunidade e Comunhão** se realimentam mutuamente na oração. Maria e os apóstolos, no Pentecostes, são paradigmas desta fé a ser vivida no quotidiano complexo dos que hoje cremos em Jesus de Nazaré, o filho de Maria, o Cristo Ressuscitado por Deus.

Seguem as NOTAS.

NOTAS

(1) Ver Serra, Aristide, *Sapienza e Contemplazione di Maria*, secondo Luca 2,19.51b, Roma, Edizioni Marianum, 1982. É uma obra minuciosa e densa, de difícil leitura. Sem traí-la nas suas intuições e sem estar, contudo, a repeti-la, nela me inspiro e apoio para canalizar alguns aspectos da apresentação aos leitores do que desejo com eles partilhar de minha própria reflexão e oração sobre a **oração de Maria**. Para uma recensão crítica das posições exegéticas sobre esses dois versículos de Lucas, de 1959 a 1977, ver Serra o.c.pp. 3-39. (2) Nenhum destes verbos traduz e exaure perfeitamente o sentido do verbo grego "**symbállô**", usado por Lucas e característico deste evangelista. Nessa acepção de "**interpretar**", ele se prende em Lucas mais à literatura grega extra-bíblica do que ao significado que lhe dão as Escrituras, na versão dos LXX e no Novo Testamento. A séria investigação de Serra conclui por aproximar **symbállô** de **interpretar**, como sua melhor versão, resultado, porém, de um processo complexo que envolve outros aspectos, filtrados por sinônimos ou verbos afins. "Aquele que confronta diversos elementos de uma circunstância faz dela sua 'exegese' e 'hermenêutica'; chega a 'compreendê-la', a 'atinar com seu sentido preciso'; tem uma 'idéia clara' da situação; 'emite sobre ela um juízo' e 'declara seus termos exatos', ou encontra-lhe a 'solução explicativa', ou 'conjectura sobre o seu sentido e alcance'" (Serra o.c., p. 174 — tradução minha; ver todo o capítulo sobre a semântica do verbo **symbállô**, o.c. pp. 139-175). **Interpretar** traduz e como que engloba todos esses matizes. **Symbállô** exprime uma posição conclusiva, decorrente do confronto de aspectos e indícios vários de um fato, uma situação, um problema, uma palavra. Usado no particípio **symbállousa**, em Lc 19b, este verbo é a chave de leitura da **atitude orante de Maria**. Daí, o relevo que dou a esta nota. Ver também Brown, Raymond E., *The Birth of the Messiah. A Commentary on the Infancy Narratives in Matthew and Luke*, New

York, Doubleday, 1977: "...mas Maria conserva com carinho (with concern) todos esses fatos, **Interpretando-os (interpreting them)** em seu coração" (p. 394, trad. e grifos meus). (3) Ver Serra, o.c., p. 40-138, esp. 88-91. Ver, p. ex., no A. T., Dt 11,18; Est 14,17; Jud 8,20-29; 9,2-14; Sl 119,11; 37,30-31; 119-47-48; 44, 2-23.24-26; 105,1-8. (4) Ver p. ex., Dt 4,9-20.32-38; 11,18-19; 32,46; Sl 73,4-7.11-12; 105,8-45; Tob 12,7-11. (5) Ver p. ex., Dt 5,14-15; 15,1-15; 24,17-22; Dt 9,4-7; Ez 20,43-44; 36,31-32. (6) Ver p. ex., Ecl 4,16-18.20-21; 39,1-3; Sab 6,12-16; 8,8; Sl 77,6-10; 49,4-5; Dt 28,37. (7) Ver p.ex., Ecl 39,1-3; 50,28-29; Prov 3,1; Sl 119,1-28; Mc 3,31-35; Mt 12,46-50; 16,24-27; 7,24-27. (8) Mt 5 e 6, esp. 5,20-48; Lc 10,25-36. (9) A palavra **sapiente** liga-se etimologicamente a **sapientia**, que é a origem latina de **sabedoria**, em português. Usarei aqui **sabedoria**, sobretudo no sentido bíblico não, de conhecimento ou ciência, mas de percepção do sentido de Deus na própria vida e da intuição ou leitura de si mesmo, das pessoas e das cousas, à luz de Deus. Como a palavra **sábio**, em português, se vincula mais a inteligência, ciência ou erudição, introduzo **sapiente** para designar aquele que vive ou busca a **sabedoria**, na acepção bíblica. (10) Ver Serra, o.c., pp. 259-262, esp. notas 159 e 160. (11) À luz desse traço da espiritualidade de Israel, retomada por Maria, de "recordar e repassar, revolver e confrontar, na 'memória-recordação'", a tradição da Escritura e os fatos da vida, é sugestivo ressaltar a importância deste mesmo processo na espiritualidade inaciana dos Exercícios Espirituais. As meditações estruturais, especialmente da Primeira e Segunda Semanas, contemplam sempre a necessidade de "**repetir**", de recordar, de retomar uma ou mais vezes o mesmo tema já rezado anteriormente, para verificar, compendiar o processo espiritual, identificar o "fruto" obtido ou descobrir facetas novas. A indicação de Inácio — sem contudo usar a palavra — e a de "ruminar", isto é, de demorar nesta repetição precisamente naqueles pontos que mais nos afetaram. Ver p. ex., Exerc. Espir., números 62.64.118.148.159.204.208,

etc.. Por outro lado, é fundamental, na pedagogia dos Exercícios, o contato direto com a própria vida e a sua leitura constante à luz da ação de Deus sobre a pessoa e o mundo. Isto é bem claro no Primeiro Exercício da Primeira Semana (n. 45-54) e na oração conclusiva dos Exercícios, a Contemplação para alcançar o amor de Deus (n. 230-237). Não menos central o é em todo o processo de discernimento da Segunda Semana, na percepção atenta do que vai no mais íntimo de nós, em vista da preparação e tomada de uma decisão. Início se encontra assim, — mais por intuição espiritual do que por uma opção erudita ou pelo recurso formal a uma técnica metodológico-psicológica —, inserido na tradição bíblica da oração de Israel, ressumida na oração de Maria. (12) Num outro artigo, ligado a este, focalizarei esta dimensão da **Oração de Maria como TESTEMUNHA da Palavra**. É interessante constatar a importância dada ao "recordar" para "atinar com o sentido", para "interpretar correta-

mente", nos Evangelhos. João (14,26) atribui ao Espírito Santo a função de suscitar nos discípulos a "memória" do que Jesus ensinou (Serra o.c., p. 130). Recordando sob a ação do Espírito, eles vêem e percebem o que antes lhes escapava (Jo 20,9). No relato evangélico, sublinha-se que Jesus mesmo lembrava aos apóstolos o que antes havia dito ou feito, para que eles pudessem entender (Mc 8,18-21). Finalmente, não podemos esquecer-nos de que a celebração central de nossa fé, a Eucaristia, se faz "em memória" de Jesus, por sua vontade expressa (Lc 22,19). Ao término deste artigo, nossa perspectiva eucarística pode enriquecer-se ao atribuir a esta palavra "memória", pronunciada ou ouvida por nós na Eucaristia, toda a densidade espiritual que justamente frisamos na "memória-recor-dação" da tradição de Israel, vivida por Maria e projetada para sempre por Jesus nesta "fração do pão", que identifica a nossa comunhão com ele e entre nós e sobretudo nos urge a realizá-la em nossas vidas.

Gestos proféticos, ao menos, simbólicos

Os religiosos não têm competência para resolver todos os problemas. Mas podem emitir gestos proféticos que sejam simbólicos de um mundo novo. Você conhece algum destes gestos?

Tudo tem sua importância

Os profetas nem sempre acertam em política. Mas sempre assumiram o risco que todo concreto implica. Jesus, nas suas relações, palavras e milagres, foi um homem extremamente concreto. Mexeu com os problemas humanos mais reais: familiares, econômicos, políticos, religiosos porque introduziu a revolução absoluta: o Reino de Deus. Frente ao Reino tudo tem sua importância, pois cada coisa pode ser sacramento de tudo. Leia à página 14: Os profetas bíblicos interpelam a vida religiosa. Você vai gostar.

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
Janeiro/Fevereiro 1986

Uma verdade que precisa, sempre, presidir ao nosso FAZER é esta: no desempenho da missão de evangelizar, **sem a experiência de Deus, em comunidade, não há Vida Religiosa**. Não somos Religiosos. Esta é a face constitutiva, embora submersa, de toda Vida Religiosa que se queira séria, austera e alegre. Em nossa vereda pessoal, em meio ao grande sertão, nem sempre temos capacidade crítica de saber sacrificar o acessório para garantir o principal.

O Evangelho, no entanto, tem uma linguagem rude a este respeito. Leia estes versículos por inteiro. **"Se a tua mão CORTA-A. Se o teu pé CORTA-O. Se o teu olho ARRANCA-O"** (Mc 9, 43-47). Mão, pé, olho, os símbolos do movimento, da ação, da manipulação e domínio das pessoas e do mundo. Partes íntimas e integrantes de nosso corpo. Significantes dos laços, das relações e dos vínculos na sociedade. Frente, entretanto, ao principal, a ordem é uma só: CORTAR e ELIMINAR. Garantir o insubstituível: o Reino, a Graça a Consagração radical.

Uma Vida Religiosa séria, austera e alegre nutre-se, ainda, para além do essencial, nutre-se, também, de **coisas acidentais**, NADA, porém, **supérfluas**. São meios. Mas, se, por um lado, os fins são supremos em sua ordem, devendo, portanto, condicionar os meios, por outro lado, embora os meios sejam relativos às pessoas, eles são, ao mesmo tempo, integrantes dos fins e, em consequência, não podem se dissociar deles.

Coisas acidentais, na ordem dos meios, nada superfúas e integrantes do principal, em nossa Vida Religiosa, são, por exemplo: o silêncio, o estudo, a leitura, o recolhimento, o espírito de oração, a vida interior, o zelo, a exatidão e fidelidade na liturgia, a observância, a adesão madura ao magistério. Continue você a enumeração. Cada um considere se não são **coisas a se recuperar**. Na vida precisamos **distinguir o que é substantivo do que é adjetivo**. O que é adjetivo, todavia, não é tão secundário como se costuma acreditar. Há adjetivos que podem alterar, profundamente, o colorido e a direção dos substantivos.

CONVERGÊNCIA, neste ano de 1986, como, aliás, sempre, quer ajudá-lo a sublinhar esta marca inconfundível de seu projeto de religioso: **a opção refletida pelos atos de feição permanente**, inspirados no caráter duradouro do que constitui, de forma entitativa, a nossa Vida Religiosa. O perfil do Religioso não se esboça adequadamente pelo provisório e emergencial. Sua nitidez só se garante por aquelas questões que pedem a consciência do tempo e, sobretudo, a dimensão da eternidade.

Sempre ao seu inteiro dispor, com fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente



PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável
Convergência e Publicações CRB